

A CASA DA RUA PORTUGAL

DE 23 DE AGOSTO A 30 DE NOVEMBRO DE 2014

CURADORIA E TEXTOS:
PAULO DE FREITAS COSTA



FUNDAÇÃO EMA KLABIN
SÃO PAULO

A CASA DA RUA PORTUGAL

CURADORIA E TEXTOS: Paulo de Freitas Costa

PESQUISA: Ana Cristina Moutela Costa, Daniele Paro

PROJETO GRÁFICO E COMUNICAÇÃO VISUAL: Henrique Godinho, Mariana Teixeira

MONTAGEM: Equipe da Fundação

VÍDEO DE APRESENTAÇÃO: Viviane Aguiar, Shinji Shiozaki

PESQUISA PARA O VÍDEO: Daniele Paro, Fabiana Vanz, Paloma Durante, Thiago Guarnieri

FOTOGRAFIA: Henrique Luz

RESTAURAÇÃO DE DESENHOS: Norma Cassares

REVISÃO DE TEXTOS: Ana Luiza Couto

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Cristina Aguilera

AGRADECIMENTOS:

Alcides Jorge Costa, Celso Lafer, Centro de Memória Klabin, Eva Alterman Blay, Fundação Eva Klabin, Giuseppe Cappellano, Marcelo Mattos Araujo, Maria Satiko Matsuoka, Rita de Cássia Souza Camargo, Valéria Valente (Biblioteca da FAU-USP), Marlene Becker, Michael Alexander, Stefan Alexander, Museu Lasar Segall, Paulo Mauro Mayer de Aquino (Coleção Gregori Warchavchik), Paulo Valadares, Rubens Peinado.



Projeto realizado com apoio do ProAC.

SUMÁRIO

Introdução	05
1. Rua São Vicente de Paula, 687	07
2. Jardim Europa	13
3. Estudos e anteprojetos	27
4. O projeto final	35
5. A construção	41
6. Decoração	45
7. Paisagismo	51
Bibliografia	56
Créditos das imagens	58



INTRODUÇÃO

A década de 1950 foi marcada por grandes transformações na vida de Ema Klabin. Com o otimismo e o crescimento econômico proporcionados pelo pós-guerra, ela possuía os meios e a liberdade de estabelecer para si um novo projeto de vida, cujas facetas mais importantes eram a construção de uma nova casa e a formação de sua coleção de arte. A casa representava o seu desejo de se aproximar dos parentes e amigos que já residiam no Jardim Europa e poder usufruir dos confortos de uma construção moderna. A coleção, por sua vez, era a realização de um sonho antigo, agora favorecido pelos preços mais acessíveis da Europa arrasada pelo conflito.

O país também passava por um período bastante fértil. O crescimento da cidade de São Paulo, alçada ao posto de liderança econômica do país, seria marcado pelas celebrações de seu IV Centenário e a inauguração do Parque do Ibirapuera. Além da consolidação da arquitetura moderna brasileira, novas instituições culturais, como o Museu de Arte de São Paulo, o Museu de Arte Moderna e a Bienal de Arte, alcançavam repercussão internacional.

Apesar de ser comum a noção de que construiu a casa para abrigar a coleção,

isso não corresponde à realidade: ambos os projetos se desenvolveram simultaneamente. Quando Ema encomendou os primeiros estudos para a casa, em 1950, possuía apenas 5% da coleção final. No início da construção, em 1955, havia subido para 23% e quando finalmente ela se mudou para a casa, em 1961, já havia adquirido metade da coleção que hoje conhecemos.

Esse novo projeto de vida também seria marcado por grande evolução pessoal. Se a década de 1940 havia sido marcada pelo luto por sua irmã caçula e os cuidados com o pai enfermo, ao se mudar para sua nova casa, Ema já havia se firmado como grande dama da sociedade paulistana, empresária, mecenas e filantropa, e essa mudança seria até marcada pela adoção da mecha branca em seus cabelos, sua marca registrada até o final da vida.

Esta exposição busca analisar e registrar todo esse processo, inserindo-o no contexto da evolução urbana e arquitetônica da cidade e contribuindo para a preservação de sua memória. Ao mesmo tempo, traz a público importantes documentos de nosso arquivo, que incluem projetos de profissionais renomados que poderão servir de incentivo a novos estudos de nossa história.



Oskar Pinto
Rua S. Vicente
de Paula 67



[Handwritten signature]

1917

1.

RUA SÃO VICENTE DE PAULA, 687

No início do século XX, São Paulo passava por uma vertiginosa transformação trazida pela cultura de café, que transformara a antiga vila colonial em uma cidade em constante crescimento. Com a construção das primeiras ferrovias ligando São Paulo ao porto de Santos e ao interior, a cidade se transformara em um grande centro comercial e econômico, atraindo imigrantes estrangeiros em busca de trabalho e oportunidades, bem como os grandes proprietários rurais, que transferiram suas residências para a capital. A cidade passou de 32 mil habitantes, em 1870, para 250 mil na virada do século, sendo cerca de 150 mil estrangeiros. Era a Belle Époque paulistana.

Antigas chácaras ao redor do centro histórico foram gradualmente loteadas e anexadas à mancha urbana. Novos bairros operários, como Lapa, Bom Retiro, Brás, Mooca e Ipiranga, surgiram ao longo das linhas de trem, formando as primeiras colônias de imigrantes. Ao mesmo tempo, novas residências de elite foram construídas em direção diversa, primeiramente nas proximidades da Estação da Luz, e depois se expandindo gradualmente por novos bairros de alto padrão, como

Campos Elíseos, Santa Cecília e Higienópolis, até alcançarem o espigão da avenida Paulista, inaugurada em 1891.

Essas moradias de luxo não eram mais simples construções de taipa no alinhamento das calçadas. A chegada de farta mão de obra imigrante e os enormes recursos da elite cafeeira permitiram o surgimento de novos palacetes em alvenaria de tijolos, com amplos recuos e o requinte de materiais de acabamento e decoração importados. Sua arquitetura seguia o padrão então em voga do ecletismo da École de Beaux-Arts francesa, revisitando os mais variados estilos históricos, do renascimento ao neoclassicismo.

Quando Ema Klabin nasceu, em 1907, São Paulo já era a “metrópole do café”, mas ela pouco conheceu desse ambiente da Belle Époque. Surpreendida pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, sua família, que se encontrava em viagem pela Europa, foi obrigada a residir na Suíça durante todo o conflito, retornando ao Brasil apenas em 1919. A essa altura, a expansão da indústria já havia criado novas fortunas de imigrantes e a cidade se modernizava rapidamente.

◀ 2 - Fachada da casa da rua São Vicente de Paula. Projeto de Alexandre Albuquerque, 1913.



3 - Fachada principal, 1922.



4 - Decoração da sala de estar, década de 1920.



5 - Ema e seu pai Hessel se divertem no jardim, 1931.

Com a prosperidade da empresa familiar, seu pai logo resolveu comprar uma nova residência que refletisse o status adquirido e proporcionasse conforto à família. A escolha recaiu sobre um imóvel da rua São Vicente de Paula, no limite entre os bairros de Santa Cecília e Higienópolis. A casa, localizada em um terreno de 2 000 m², teve sua construção iniciada em 1913, por encomenda de Oscar Pinto. Depois de pronta, foi vendida para Domingos Teixeira de Assumpção, em 1917, que a revendeu para o pai de Ema em dezembro de 1920.

O projeto era do engenheiro-arquiteto Alexandre Albuquerque (1880-1940), um dos mais importantes do período, que teve atuação destacada na legislação do código de

obras, nos primeiros planos urbanísticos da cidade e na criação do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes. De formação eclética, Albuquerque rapidamente evoluiu, como outros arquitetos de sua geração, adotando o estilo Art Nouveau na década de 1910, o neocolonial nos anos 1920 e, finalmente, o Art Déco no final de sua carreira.

A casa da rua São Vicente de Paula seguia o padrão dos palacetes ecléticos da época, com uma planta quadrada de circulação central, que compreendia os ambientes sociais no térreo e quatro amplos dormitórios no primeiro andar. A zona de serviços ficava em um apêndice na parte posterior, e abrangia copa, cozinha, despensa e três quartos de empregados. As fachadas seguiam o estilo



6 - Ema e sua irmã caçula Mina na escadaria da entrada, 1931.



7 - Conjunto de edifícios residenciais projetado por Gregori Warchavchik em 1959.

Sezession, versão austríaca menos rebuscada do Art Nouveau, introduzido no Brasil pelo arquiteto sueco Carlos Ekman (1866-1940), que projetara a famosa Vila Penteado (1902, hoje pertencente à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP) e provável fonte de inspiração para o desenho de Albuquerque. Os interiores, entretanto, não seguiam o mesmo estilo e continham móveis mais tradicionais trazidos da Europa ou feitos pelo Liceu de Artes e Ofícios.

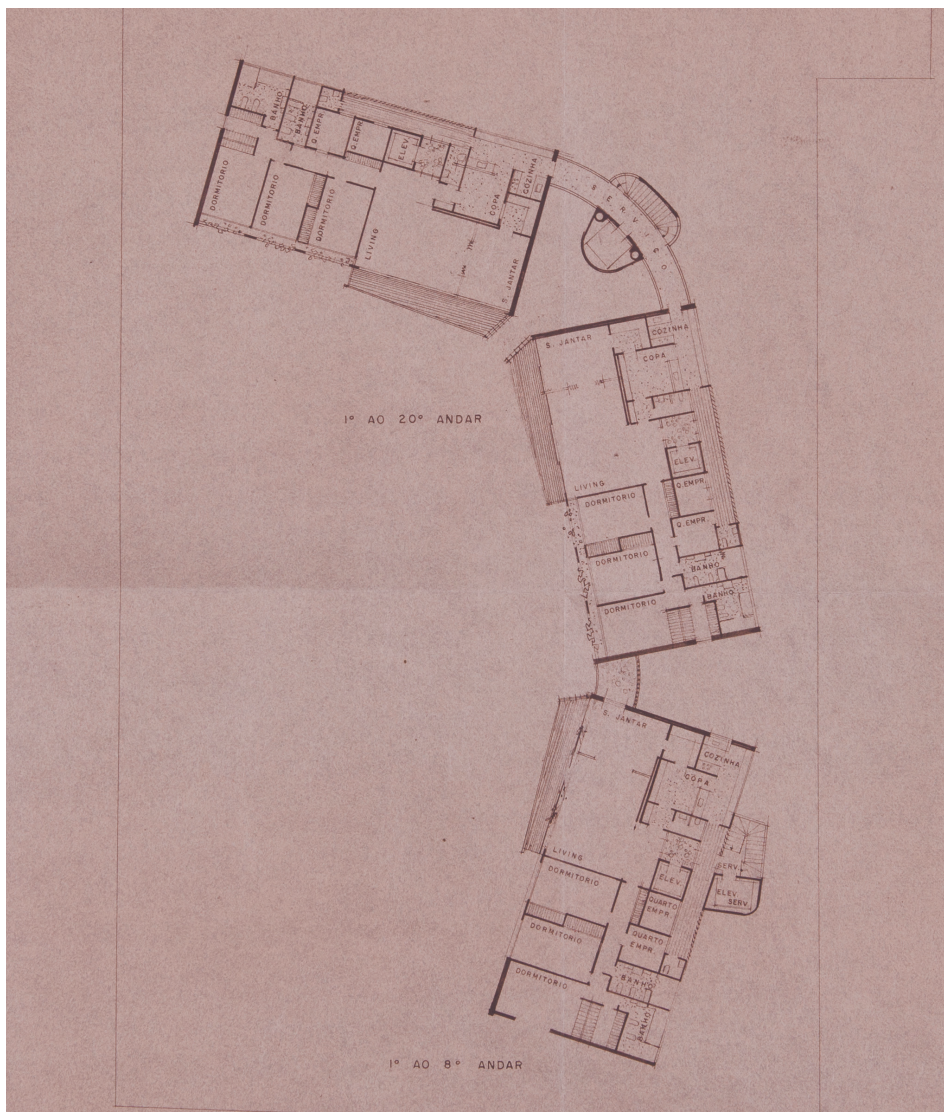
A casa possuía amplo jardim com palmeiras imperiais e canteiros geométricos de roseiras. Continha também um pomar, sempre lembrado pelos familiares por suas grandes

jabuticabeiras, que posteriormente foram trazidas para a casa da rua Portugal. Nele, Ema e suas irmãs passaram bons momentos da juventude, registrados em muitas fotografias.

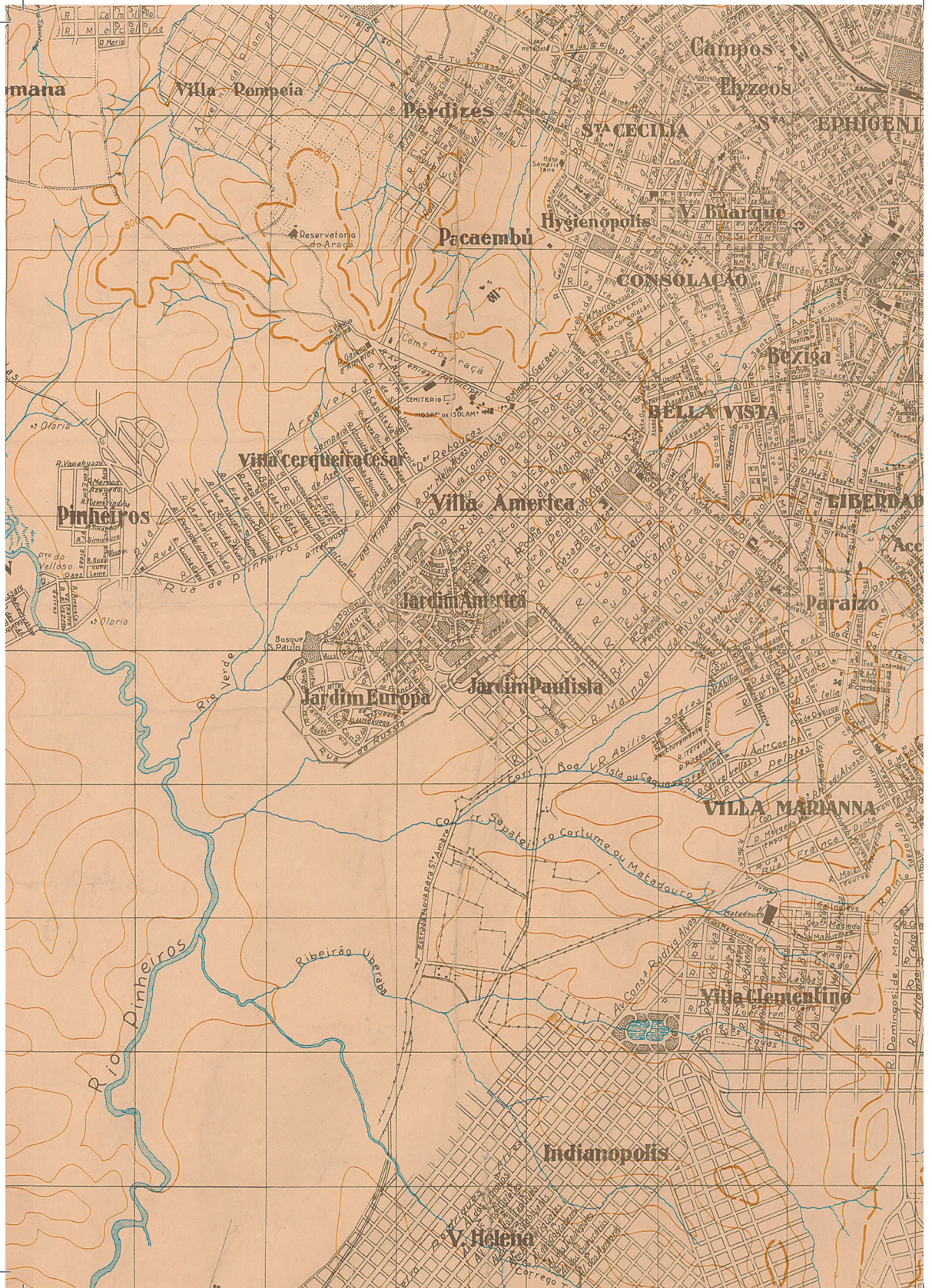
Ema Klabin acabou morando nessa casa por quase metade de sua vida. Após a morte de seu pai, Hessel, em 1946, decidiu construir uma nova residência no terreno que possuía no Jardim Europa, para onde boa parte de sua família já havia se mudado, também motivada pela descaracterização trazida à região pela construção de muitos edifícios de apartamentos. Pouco antes de se mudar, chegou a encomendar ao arquiteto Gregori Warchavchik, casado com sua prima Mina,

o projeto de um conjunto de edifícios residenciais que pretendia construir, como investimento, no local da casa. A ideia não foi adiante, e a casa permaneceu alugada por muitos anos. Em 1974, foi

finalmente vendida à Sociedade Hebraico Brasileira Renascença, que a demoliu no ano seguinte para a construção de uma nova unidade do colégio.



8 - Planta dos apartamentos, 1959.





2.

JARDIM EUROPA

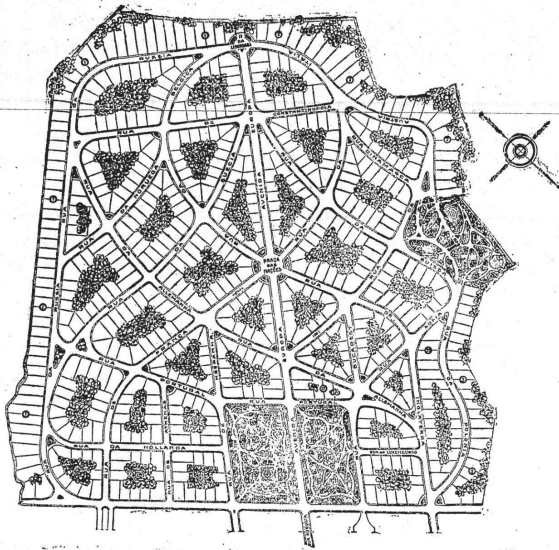
Em 4 de maio de 1922, representantes dos principais jornais da cidade de São Paulo foram convidados para conhecer o mais novo empreendimento de Manoel Garcia da Silva: o loteamento Jardim Europa. Localizado em terreno de cerca de 900 mil metros quadrados nas proximidades da várzea do rio Pinheiros, era vizinho do Jardim América, lançado uma década antes, onde já havia muitas casas construídas. Na ocasião, os jornalistas realizaram um passeio de automóvel pelas ruas recém-abertas do bairro, encerrado com um brinde de champanhe – uma taça para cada rua do bairro – e docinhos, no Bosque São Paulo, parte do empreendimento, onde todos os visitantes receberam buquês de flores amarrados com fitas verde-amarelas.

Garcia da Silva era um comerciante de sucesso, proprietário da Loja do Japão, fundada em 1883, no centro de São Paulo. Fazia parte de um grupo de comerciantes portugueses que vieram tentar a sorte no Brasil, seguindo a tradição do comércio lusitano com a Ásia. Além da Loja da Japão, havia a Loja da China, da Índia e do Ceilão, onde se vendia fumo, velas, sementes e mudas de plantas exóticas, tecidos, perfumes, chás e

diversos objetos decorativos orientais, muito em voga no período da Belle Époque.

Com o passar dos anos, a Loja do Japão se transformou em um grande bazar de variedades, vendendo produtos importados ou fabricados no Brasil, de caráter não obrigatoriamente oriental, abrangendo vinhos e licores, alimentos em conserva, leite condensado, artigos de papelaria e material de escritório, além de produtos para carnaval e festas juninas, como lança-perfume, confete, serpentina, balões e fogos de artifício. A empresa Garcia da Silva & Cia possuía uma filial em Santos, que cuidava das importações, e também a Chácara Japonesa, localizada na rua da Mooca, onde eram produzidas flores de corte, plantas e sementes. Ocupava um imponente prédio na rua São Bento, especialmente projetado por Maximilian Hehl (1861-1916), também autor do projeto da nova Catedral de São Paulo. No local havia uma agência do Banco do Minho, do qual Garcia da Silva era representante, utilizada pela colônia portuguesa da cidade para realizar operações de câmbio e remessas de dinheiro a seus familiares.

◀ 9 - Planta da cidade de São Paulo, de 1924, mostrando o recém-criado Jardim Europa, próximo ao rio Pinheiros em seu curso original.



JARDIM EUROPA

Foi o título escolhido para este bellissimo título, título esse que obedeceu á idéa de prestar homenagem ao velho continente que tão ligado está ao continente americano e principalmente ao Brasil.

E' hoje que se inicia a venda dos seus magníficos terrenos que, pela sua natureza e esplendida situação topographica, devem merecer a melhor aceitação por parte dos senhores pretendentes.

Terrenos arborizados, altos e secos, numa área de cerca 900.000 m. ², dotados de melhoramentos indispensaveis a um bairro confortavel e hygienico e destinados a habitações finas, será, sem duvida, o bairro preferido pela elite paulistana.

O Jardim Europa, proximo da avenida Paulista, dista do centro da cidade apenas 10 minutos de bonde (bonde 45 da rua Augusta) e 8 minutos de automovel.

As suas construções obedecerão a um plano, cuja esthetica esteja de accordo com a belleza do local e a categoria dos seus habitantes.

As condições geraes sobre a negociação destes terrenos serão detalhadamente publicadas em folhetos, distribuidos juntamente com a respectiva planta.

A sua venda será feita a dinheiro ou a prestações mensaes, durante o periodo de 5 annos.

Informações e distribuição de plantas: no escriptorio local, no Jardim Europa ou no escriptorio central, 46, rua de S. Bento

LOJA DO JAPÃO — GARCIA DA SILVA & C.

10 - Anúncio publicado em 29/04/1922, mostrando o desenho original do loteamento, que contava com jardins no interior das quadras, praças e parques, depois eliminados.

Em outubro de 1900, Garcia da Silva associou-se a Augusto Schmidt para investir na compra de uma propriedade de José Ferreira Teixeira, parte de terras anteriormente pertencentes à família Ferreira da Rosa, nas proximidades do rio Pinheiros, entre o córrego Iguatemi e um dos afluentes do córrego Verde. Como pretendia transferir para lá suas atividades de cultivo de flores e plantas, além de usar o local nos finais de semana, Garcia da Silva adquiriu a parte do sócio no ano seguinte e tornou-se o único proprietário da chácara, batizando-a de "Chácara Japão". Com o sucesso do vizinho Jardim América, lançado em 1915, logo chamou o engenheiro-arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Jr. (1880-1952) para projetar um novo bairro.

Pujol era um engenheiro-arquiteto, formado pela Escola Politécnica em 1905, que se

destacou pelo desenvolvimento e ensino de novas tecnologias de construção, como no edifício Guinle (1912), um dos primeiros no país a usar uma estrutura de concreto armado. Projetou também a sede do Banco do Brasil (atual CCBB) e, em sociedade com seu irmão, dirigiu a Empresa Imobiliária de São Bernardo, especializada em loteamentos e construção de casas operárias.

Seu projeto para o Jardim Europa imitava quase integralmente o desenho desenvolvido pelos urbanistas ingleses Raymond Unwin (1863-1940) e Barry Parker (1867-1941) para o pioneiro Jardim América, lançado em 1915 pela City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited, depois conhecida simplesmente como Cia. City. Unwin e Parker já haviam projetado a cidade-jardim de Letchworth, a primeira do gênero,



11 - Vista da avenida Europa na direção do rio Pinheiros, na altura da esquina com a rua Portugal, em foto tirada em 01/05/1930. O automóvel está estacionado no ponto onde hoje fica a divisa entre o MIS e o MuBE.

BAIRRO DE ELITE
Propriedade de:
Manoel Garcia da Silva

JARDIM EUROPA

8 minutos

Na mesma altitude da Praça Patriarcal
APROVEITE A TARDE DE HOJE
Além de fazer um passeio agradável pelo bosque, terá o ensejo de apreciar o grande desenvolvimento deste bellissimo e saudavel bairro

A iluminação publica está sendo ampliada e brevemente será feita a inauguração
Todos os melhoramentos urbanos

PALACETES E LOTES DE TERRENO
a prestações suaves e pequenas entradas

Informações - Aos domingos no local e nos dias uteis na

LOJA DO JAPAO ~ Rua S. Bento, 40 - GARCIA DA SILVA & CIA.

12 - Anúncio publicado em 11/11/1928.



13 - Vista do rio Pinheiros em direção a Santo Amaro durante as obras de retificação. Foto tirada da ponte Cidade Jardim, em 05/12/1936.

nas proximidades de Londres. Inspirado pelos ideais reformistas de Ebenezer Howard e pelo movimento Arts and Crafts, o projeto propunha um retorno a um modo de vida em contato com a natureza, em contraposição ao ambiente poluído e desumano das metrópoles industriais. Era pioneiro ao estabelecer um planejamento urbano baseado em zonas de uso específicas, permitindo que seus habitantes pudessem, após a jornada de trabalho em escritórios e fábricas, retornar a um ambiente bucólico e saudável.

Em 1911, a Cia. City fora fundada em Londres por capitalistas franceses, ingleses e brasileiros, tendo por objetivo investir na urbanização de São Paulo, que, impulsionada pelos lucros do café e da industrialização nascente e pela imigração, crescia desordenadamente. Logo

adquiriram mais de 15 milhões de metros quadrados na cidade, e o Jardim América foi o primeiro loteamento a ser lançado, estabelecendo um novo padrão para a cidade. Em colaboração com a Light (The São Paulo Trainway, Light and Power Company), empresa de capital canadense que desde 1899 controlava o fornecimento de energia elétrica, a iluminação pública e o transporte urbano, a Cia. City exerceria enorme influência junto ao governo municipal, comandando a urbanização de boa parte da cidade na primeira metade do século XX.

Para a aprovação do projeto do Jardim América, a Cia. City conseguiu alterar a legislação municipal para permitir o traçado curvilíneo de suas ruas e a criação de jardins semipúblicos no interior das quadras. Os

contratos de venda dos lotes possuíam um regulamento rígido, que determinava recuos, afastamentos laterais e gabaritos de construção e impedia a construção de muros altos nas divisas dos lotes. O padrão estabelecido era muito superior ao exigido pela Prefeitura, que só iria estabelecer um código de obras abrangente quase duas décadas depois.

O Jardim Europa, apesar de ser um empreendimento totalmente independente, incorporou quase integralmente as propostas do Jardim América, aproveitando a grande campanha publicitária que a Cia. City havia empreendido, na qual o novo bairro era apresentado como modelo, exclusivo, onde era possível “usufruir as delícias da vida de campo, tranquila e saudável, em plena capital, com o conforto das grandes metrópoles”.

Garcia da Silva soube aproveitar a fama do loteamento vizinho, e logo após a visita dos jornalistas, em 29 de abril de 1922, publicou um grande anúncio na primeira página dos principais jornais da cidade. Estava lançado o empreendimento, que prometia “terrenos arborizados, altos e secos, dotados de melhoramentos indispensáveis para um bairro confortável e higiênico e destinados a habitações finas”, afirmando que aquele seria “o bairro preferido da elite paulistana”.

Na verdade, naquele momento, nem todas as ruas estavam abertas e os melhoramentos prometidos levariam quase uma década para serem completamente implantados, com um custo altíssimo. Isso não impediu que tivesse início uma série de promoções e eventos para divulgar o bairro. Já em 6 de julho de 1922, Garcia da Silva conseguiu incluir uma visita ao bairro nas solenidades de recepção aos aviadores portugueses Sacadura Cabral

e Gago Coutinho, que tinham acabado de completar a 1ª. travessia aérea do Atlântico Sul. Durante a visita, com a presença do prefeito de São Paulo e do cônsul de Portugal, foi lavrada uma escritura de doação de um terreno para cada aviador, celebrada com um “almoço de campo”.

Passaram a ser publicados, regularmente, anúncios que buscavam destacar a facilidade de acesso ao bairro (“disto do centro da cidade apenas 16 minutos de bonde – n. 45, rua Augusta – e 8 minutos de automóvel”), e suas características de bairro de elite (“Bairro chic próximo da Avenida Paulista”, “o Bosque de Bolonha Paulista”). Os anúncios também eram publicados em jornais destinados às colônias espanhola e italiana (“as construções seguirão um projeto, cuja estética estará de acordo com a beleza do local e a classe de seus habitantes”; “de soberbo se pode qualificar tão brilhante trabalho de engenharia”), mostrando que a nova classe de imigrantes que enriqueceram rapidamente em São Paulo, como o próprio Garcia da Silva, era o alvo do empreendimento.

Todos os anos, Garcia da Silva organizava uma grande festa junina no dia de São Pedro, promovendo o loteamento e também os produtos de sua loja, pois a festa sempre terminava em grande baile ao ar livre, com fogos de artifício e o lançamento de balões gigantes com vales que davam direito a diversos prêmios: conservas importadas, caixas de vinhos e outras bebidas e até “1 libra em ouro”.

As promoções continuaram com diversas provas esportivas. Em 23 de março de 1925, foi realizada a primeira prova de resistência, promovida pela Associação Estradas de Rodagem, na qual três automóveis Fiat



14 - Vista aérea do rio Pinheiros antes da retificação, na altura da antiga ponte Cidade Jardim.
No canto inferior esquerdo, pode-se ver o Sport Club Germânia, hoje Clube Pinheiros.

JARDIM EUROPA

O BOSQUE DE BOLONHA PAULISTA

NÃO TEM ONDE PASSAR A SUA TARDE?

PERCORRA AS BELLAS AVENIDAS DESTA INCONFUNDIVEL BAIRRO E RECOLHERA UMA IMPRESSÃO AGRADAVEL E DE BEM ESTAR. APROVEITE A OPORTUNIDADE PARA LOCALISAR UM TERRENO OU ESCOLHER UMA DAS RESIDENCIAS QUE AINDA TEMOS A VENDA EM CONDIÇÕES EXCEPCIONAES.

Belleza - Conforto - Distinção
Lotes 43 e 51

ESCRITORIO CENTRAL: LOJA DO JAPÃO RUA S. BENTO, 46 - 4º

15 - Anúncio publicado em 18/12/1927.

modelo 501 “Colonial” rodaram pelo bairro por 24 horas ininterruptas. Em 1926, houve uma corrida com motos das marcas Harley Davidson, Guzzi, Triumph e Ariel, divididas em diversas categorias. Provas de ciclismo se tornaram regulares, promovidas pela Federação Paulista do esporte.

Ao longo desses anos, Garcia da Silva continuou a trazer melhorias para a área, perfurando poços artesianos para o fornecimento de água, prolongando a linha de bonde da rua Augusta até o final do bairro e estendendo a rede elétrica. Doou, em seu nome e no de sua esposa Henriqueta Rodvalho Lebre Garcia da Silva, um terreno na esquina das ruas Áustria e Dinamarca para a construção da Igreja de São José do Jardim Europa, a primeira da região. Projetada pelo arquiteto Zacharias Giancoli e construída pelo engenheiro Nelson Ottoni de Rezende, a igreja foi inaugurada em março de 1930 e seu desenho teve como inspiração outra igreja da mesma congregação em Bolonha, na Itália. Apesar disso, os primeiros moradores que se instalaram no bairro reclamavam do excesso de mosquitos e da lamaceira em que se transformavam as ruas na época de chuvas.

Com todo esse investimento, ao final de 1928, Garcia da Silva se encontrava seriamente endividado, pois financiava não só a compra do terreno mas também a construção das novas residências, e enfrentava casos de inadimplência sem ter o respaldo financeiro de uma Cia. City. Em uma última tentativa de salvar o negócio, começou a fragmentar os lotes, oferecendo, em dezembro, “um lote de 400 m² gratuito a sortear entre os compradores dos cinquenta lotes da quadra dividida especialmente para as festas de época”. Destacava ainda a inauguração da iluminação pública em toda a extensão da

avenida Europa e, após as chuvas torrenciais de janeiro de 1929, publicou anúncios para informar que nunca houve inundações no bairro, que estava 9 metros acima do nível do rio e contava ainda com água pura proveniente de poços profundos.

Nenhuma dessas iniciativas deu resultado e a saída encontrada foi propor uma sociedade com um dos seus maiores credores, a Klabin Irmãos & Cia., que fornecia diversos produtos de papelaria para a Loja do Japão. A Klabin poderia receber sua dívida em cotas da nova sociedade e seria capaz de injetar novos recursos no bairro. Em 25 de março de 1929, foi registrada a Sociedade Anônima Jardim Europa (Saje), com capital de 4 mil contos de réis, tendo Manoel Garcia da Silva como diretor-presidente e Horácio Lafer, representando a Klabin, como diretor-superintendente. Faziam também parte da sociedade, como sócios minoritários, diversos membros da família Klabin, incluindo Hessel Klabin e suas filhas Ema e Mina. A Saje logo publicou anúncios promovendo a transação, ressaltando que “com elementos financeiros tão fortes é difícil prever o impulso que o Jardim Europa tomará para o bem de São Paulo”.

A situação da Garcia da Silva & Cia, porém, continuava complicada, com dívidas com diversos bancos. Em abril do mesmo ano, entraram dois novos sócios na empresa, originalmente formada por Manoel e seus dois filhos, e em agosto de 1930 transferiram a Loja do Japão para um endereço mais modesto. Em 1931, para complicar ainda mais os negócios, inclusive da Saje, José Ferreira Teixeira, antigo proprietário do terreno do Jardim Europa, iniciou uma ação judicial de anulação da venda de 1900, seguida de uma grande campanha difamatória nos jornais. Com todas essas dificuldades, agravadas pela

JARDIM EUROPA

O BAIRRO CUJO FUTURO JA' ESTA' AQUI



Evite essa Desvalorização!

Ao escolher um terreno para edificação da casa propria, varios factores devem ser ponderados cuidadosamente. A escolha menos acertada poderá vir a ser a causa de uma desvalorização inesperada do predio que lhe custou muito dinheiro. A vizinhança de fabricas, officinas barulhentas e garages movimentadas não é, por certo, a situação desejavel para um lar tranquillo.

Devido ás posturas municipaes, não ha que recear a futura construção de officinas mecanicas, garages, "postos de serviço", armazens, etc. no JARDIM EUROPA, que é um bairro essencialmente residencial, tranquillo e de feição inconfundivelmente europeá. Alli se desfrutam os prazeres da vida sadia do campo a curta distancia do centro da cidade. No ambiente acolhedor de selecta vizinhança moram familias das mais distinctas do nosso meio social. A proximidade dos melhores clubs facilita a pratica dos esportes, contribuindo para a conservação da saude.

O JARDIM EUROPA tem em quasi todas as suas largas ruas — que são bem tratadas, permitindo, mesmo em tempo inclemente, transito facil e limpo — todos os serviços publicos: agua, luz, gaz, esgoto, telephone, bonde e auto-omnibus de luxo.



PROPRIEDADES A' VENDA NO

JARDIM EUROPA:

Rua Italia, 1, sobrado, 4 dormitórios, garage, terreno de 20 metros da frente 80.000\$000
Rua Suecia, 22, bangalô, 4 dormitórios, garage, terreno de 20 metros da frente 80.000\$000
Rua Nicotin, 29, sobrado, 4 dormitórios, garage, terreno de esportes, linda silva 85.000\$000
Rua Belgica, 187, sobrado, tres dormitorios, garage, terreno de 20 metros da frente 75.000\$000

Facilitamos os pagamentos.

COMP. COMMERCIAL E
Immobiliaria
DE SÃO PAULO

Rua Alvares Penteadó, 24, 1.º

A TERRA É A BASE DE TODA FORTUNA

crise mundial iniciada com a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, a empresa de Garcia da Silva acabou falindo no final de 1932, e ele próprio, já em idade avançada, veio a falecer em maio de 1934.

A Saje, por sua vez, só conseguiu se estabelecer plenamente em dezembro de 1933, quando o Banco de Londres, que concentrara as dívidas de Garcia da Silva, assumiu a parte dele na sociedade, ficando inicialmente com um terço das cotas. A ação judicial acabou sendo resolvida favoravelmente e teve então início uma nova fase de comercialização do bairro, agora sob a responsabilidade da Cia. Comercial e Imobiliária de São Paulo. A partir de dezembro de 1934, foram publicados novos anúncios de venda dos terrenos, que tinham como destaque duas frases: “A terra é a base de toda a riqueza” e “Jardim Europa: o bairro cujo futuro já está aqui”, que ressaltavam o valor crescente dos terrenos, a infraestrutura já instalada (água, esgoto, gás, luz, iluminação pública e transporte), o início da pavimentação das ruas e as características de bairro estritamente residencial.

Nessa nova fase foram introduzidas algumas modificações em relação à planta original. Não havia mais qualquer indicação dos jardins semipúblicos no interior das quadras e os parques projetados no cruzamento da avenida Europa com a rua Groenlândia foram divididos em grandes lotes destinados, em parte, a membros da família Klabin. O Bosque São Paulo, ao lado da Igreja de São José, também foi eliminado com o prolongamento da rua Polônia, sendo sua área dividida em pequenos lotes. A avenida Anhangabaú, projetada desde os anos 1920 para favorecer o loteamento de mesmo nome da Cia. City, foi finalmente inaugurada por

Getúlio Vargas em 1941, agora ironicamente rebatizada avenida 9 de Julho. Seu traçado eliminou quase toda a rua Chile, no Jardim América, e seu prolongamento até a avenida Cidade Jardim, finalizado em meados dos anos 1950, viria a eliminar a maior parte da rua Rússia, no Jardim Europa. As regiões vizinhas também se desenvolveram rapidamente, com a ocupação do Jardim Paulista, em terras anteriormente pertencentes às famílias Pamplona e Paim, e do Jardim Paulistano, em terras das famílias Matarazzo e Melão, além da Chácara Itaim (hoje Itaim-Bibi). Com a retificação do rio Pinheiros, começaram a surgir novos bairros em sua outra margem, impulsionados pela construção do Jóquei Clube, também inaugurado em 1941.


A partir de meados da década de 1930, toda essa região começou a se consolidar como destino dos paulistanos endinheirados, incorporando seus hábitos. O Clube Atlético Paulistano já havia se transferido para o terreno atual, no Jardim América, em 1917; como era voltado principalmente ao futebol, logo foi criada a Sociedade Harmonia de Tênis, inaugurada em 1930 no espaço de um dos jardins semipúblicos do mesmo bairro. O Sport Club Germânia – que mudaria o nome para Pinheiros durante a Segunda Guerra Mundial – já existia desde 1899 na margem do rio, e próximo a ele a comunidade judaica criou o Clube Hebraica, inaugurado em 1957. Surgiram também diversos colégios na região, especialmente no Jardim Paulistano – já que sua construção era proibida no Jardim América –, bem como as igrejas Nossa Senhora do Brasil e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Nos anos 1930, a Sociedade Hípica Paulista, então localizada em Pinheiros, promovia “caçadas à raposa”, que tinham como ponto


Cm 2/0471

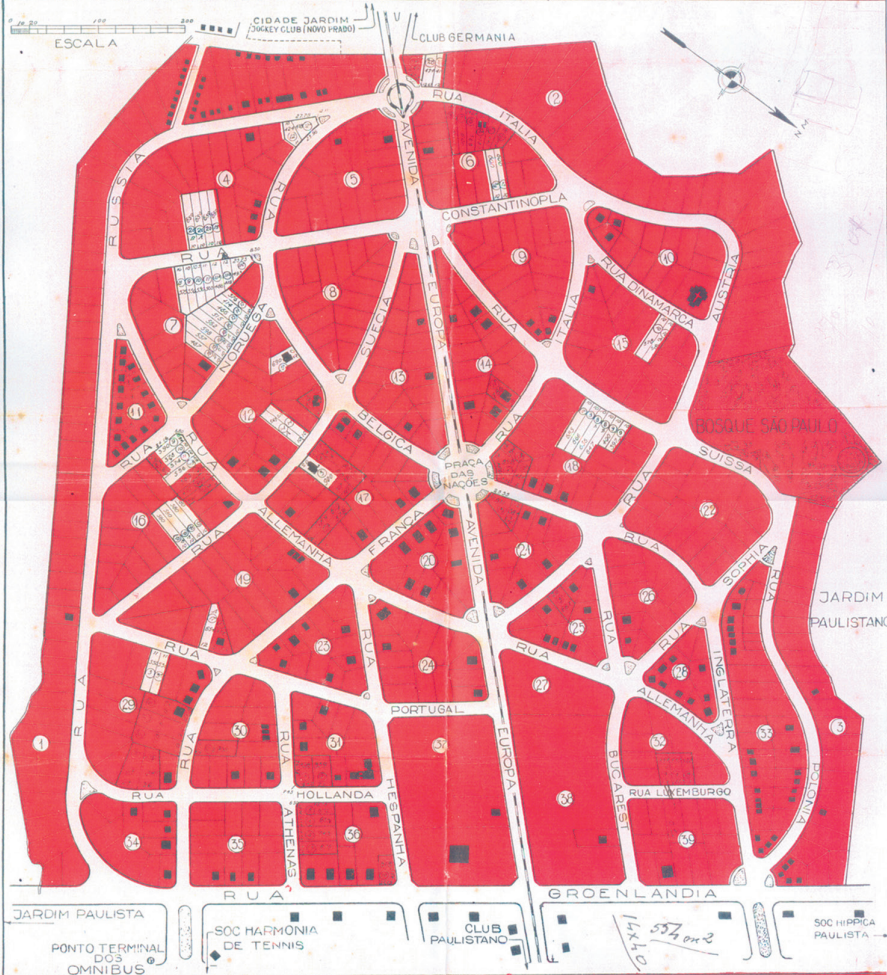
Sur Jaime PLANTA GERAL
 2-4638 do
JARDIM EUROPA
 — O BAIRRO CUJO FUTURO JÁ ESTÁ AQUI —

IMMOBILIARIA



IMMOBILIARIA





ESCALA

CIDADE JARDIM (CINQUE CLUBS INDO 1900)

CLUB GERMANIA

JARDIM PAULISTA

JARDIM PAULISTANO

JARDIM PAULISTA

PONTO TERMINAL DOS OMNIBUS

SOC HARMONIA DE TENNIS

CLUB PAULISTANO

SOC HIPICA PAULISTA

14x10 557m² on 2

Compre agora enquanto é tempo. Esses terrenos estão se valorizando muito, pois ha grande procura e restam poucos lotes. Não perca portanto esta oportunidade de comprar um dos mais bellos terrenos da Capital... e em condições excepcionaes.

17 - Folheto de promoção do bairro de outubro de 1936.

Os pequenos quadrados pretos indicam lotes já ocupados.

de partida a Igreja de São José. Nesses encontros, um ou dois cavaleiros assumiam o papel da raposa, com uma fita amarrada ao corpo, e vencia quem a pegasse primeiro. O evento terminava na sede da hípica com um chá da tarde e coquetéis de confraternização. Era comum ainda a caça de perdizes ao longo das margens do rio, onde treinavam também os soldados do Exército. Em 1929, chegou a ser publicado um artigo sobre a proposta de Ubaldo Moro pela construção de uma pista para corridas de galgos no Jardim Europa, “longe dos bairros populares, para não atrair os menos favorecidos da sorte”, ressaltando que era um “esporte elegante e aristocrático” e que “os ingleses consideram as apostas nessas corridas um jogo limpo e honesto”.

Os relatórios da Saje enviados aos sócios demonstram que a partir da retomada da comercialização e promoção, em 1934, as vendas tiveram crescimento constante, atingindo seu pico em 1941, quando totalizaram 800 contos de réis. O valor dos terrenos também aumentou consideravelmente: o metro quadrado valorizou de 30 mil réis, em 1934, para 120 mil réis, em 1942, quando restavam apenas 60 mil metros quadrados para venda. O sucesso fez que a Saje adquirisse uma área ocupada por um campo de futebol entre as ruas Itália e Iguatemi, que logo foi loteada, com o prolongamento das ruas Capitão João Ferreira da Rosa e Ernesto de Castro, renomeadas Grécia e Escócia, e a criação das ruas Irlanda e Bráulio de Mendonça Filho.

Ao longo da década, diversos sócios adquiriram terrenos no bairro, incluindo Hessel Klabin, que ficou com uma área de quase 8 mil metros quadrados na rua Portugal, entre a avenida Europa e a rua Espanha, registrando a propriedade no

nome de suas três filhas. A Saje continuou suas operações até 1964, quando mudou para Saje Imobiliária e Administradora Ltda. Nessa altura, quase todos os lotes haviam sido vendidos, e pouco depois o Banco de Londres se retirou da sociedade, que passou a pertencer apenas à família Klabin-Lafer.

O sucesso desses bairros acabou inevitavelmente atraindo o comércio e serviços de luxo, que gradualmente se transferiram do centro da cidade para a rua Augusta, que teve seu auge nos anos 1960, quando ditava a moda. Nos anos 1980, as grandes grifes se transferiram gradualmente para a rua Oscar Freire, que, por ser plana, era mais adequada ao passeio. Os restaurantes finos também foram se instalando na região, começando pelo Fasano, que se transferiu em 1957 para o recém-inaugurado Conjunto Nacional, na avenida Paulista. Pouco depois, em 1966, foi inaugurado o Shopping Center Iguatemi, o primeiro do gênero no país, na rua de mesmo nome, que logo cederia espaço para a abertura da atual avenida Faria Lima, onde rapidamente se construíram prédios de escritórios. A partir do final dos anos 1970, toda a região passou a ser chamada genericamente de “Jardins”, embora as ruas entre a avenida Paulista e a rua Estados Unidos fossem, originalmente, pertencentes aos loteamentos Vila América e Vila Nova Tupi.

Toda essa movimentação, aliada ao crescimento desordenado da cidade, começou a ameaçar as características originais dos bairros-jardins. A própria Cia. City já havia percebido esse risco e pressionara a Prefeitura a transformar em lei os regulamentos do loteamento, o que acabou ocorrendo com o Código de Obras Arthur Saboya, de 1934, no qual a região era definida como estritamente

SOCIEDADE ANONYMA
JARDIM EUROPA

Director-presidente
Manoel Garcia da Silva

Director-superintendente
Klabin Irmãos & C. - Dr. Horacio Lafer

Escritorio
RUA FLORENCIO DE ABREU N. 57

A palavra da imprensa
As vultosas transacções de S. Paulo

Constituiu-se hontem uma sociedade anonyma com o capital de 4.000 contos de réis que adquirira o Jardim Europa. São seus accionistas os srs. Manoel Garcia da Silva, com 2.000 contos e a importante firma Industrial Klabin Irmãos & Cia., com outros 2.000 contos.

Com elementos financeiros tão fortes é difficil prever o impulso que o Jardim Europa brevemente tomará para o bem de S. Paulo.

Transcripto do "Diario de S. Paulo".

A PALAVRA DA ENGENHARIA

Sob o ponto de vista de resistencia e economia os terrenos do Jardim Europa apresentam boas vantagens para construcções. Isso provém de sua especial constituição que permite fundações sobre solo absolutamente firme a uma profundidade muito pequena, tendo tambem garantidas todas as condições de salubridade.

Dr. Arthur J. de Nova.

Brevemente será posta á venda uma pequena parte dos terrenos. Os restantes serão vendidos a preços mais elevados.

Terrenos que, em breve, com os melhoramentos projectados, valerão Rs. 100\$000 o metro quadrado

18 - Anúncio da criação da Sociedade Anônima Jardim Europa, publicado em 16/04/1929.

residencial. Mais tarde, em 1941, durante a administração de Prestes Maia, a legislação incorporou outros critérios relativos à altura das construções, recuos mínimos e taxas de ocupação.

No começo dos anos 1970, o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Prefeitura, que dividiu toda a cidade em zonas de uso, os bairros-jardins foram classificados como Z-1, ou seja, de uso estritamente residencial, com critérios semelhantes. O grande problema, entretanto, residia em que a nova lei de zoneamento criava corredores de uso especial, permitindo que em determinadas ruas desses bairros, como a avenida Europa ou a alameda Gabriel Monteiro da Silva, fossem permitidos outros usos – comerciais ou de serviços.

A intenção da Prefeitura era regulamentar a situação já existente, criando vias de transição

entre as áreas residenciais e as outras zonas, mas a decisão despertou a ira dos moradores, que rapidamente se mobilizaram para impedir a mudança e garantir seus direitos. A polêmica criada deu início então a uma longa batalha, que envolveu a imprensa, a classe política e inúmeras ações judiciais, e que, de certa forma, perdura até hoje.

O primeiro alvo da disputa foi o projeto de construção de um shopping center na esquina da avenida Europa com a rua Alemanha, onde anteriormente ficava a casa de Salomão e Luba Klabin. Os proprietários tinham conseguido aprovar a obra logo após a publicação da nova lei, mas antes de sua regulamentação. Com a ação dos vizinhos, a obra foi embargada, e a disputa, que incluiu até o envenenamento misterioso das árvores do terreno e recursos que chegaram ao Superior Tribunal de Justiça, prolongou-se

por 15 anos, até que a Prefeitura finalmente desapropriou a área, em 1986.

A essa altura, já havia sido criada a Sociedade de Amigos de Museus (SAM), da qual Ema Klabin fazia parte, com o objetivo de transformar a área em um espaço cultural. O arquiteto Sérgio Prado e o paisagista Burle Marx, a convite da SAM, já haviam proposto, no ano anterior, a criação de um ateliê-museu de esculturas, inserido em meio a um viveiro de plantas semienterrado. Após a desapropriação, no entanto, o projeto definitivo foi realizado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, agora já sob o nome de Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (Mube), finalmente inaugurado em 1995.

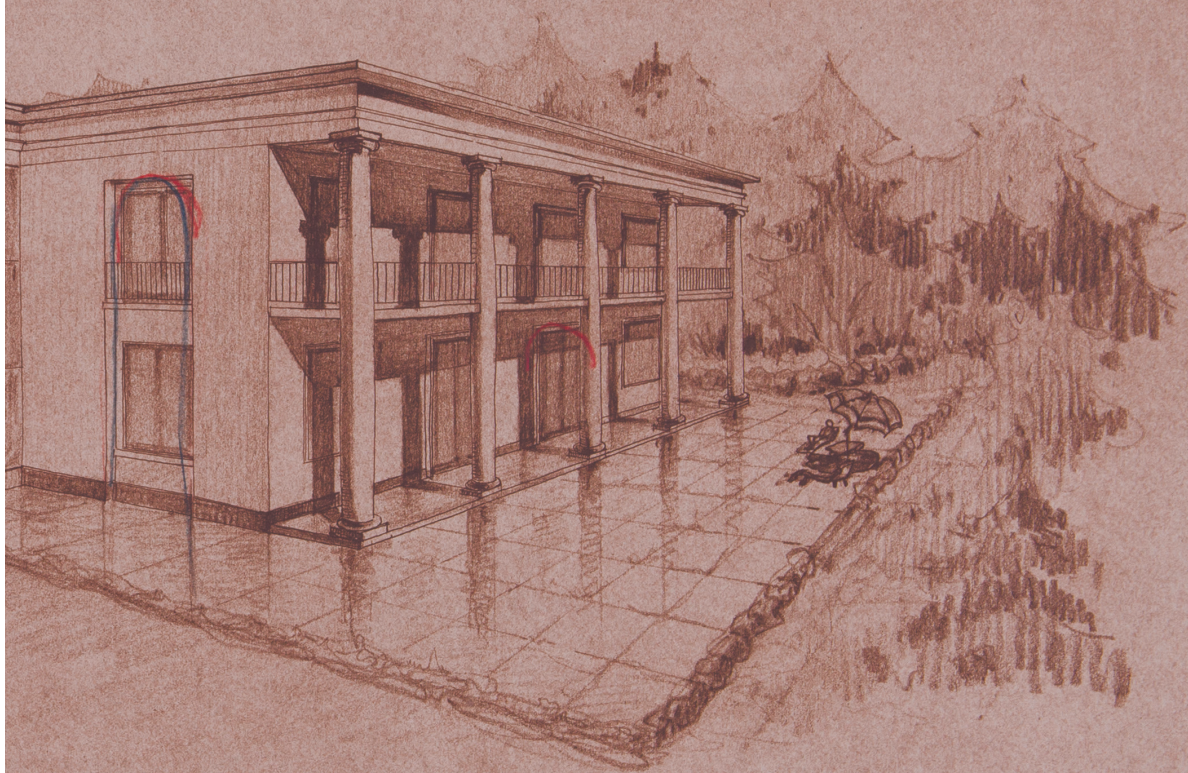
A instalação do Museu da Imagem e do Som (MIS) no imóvel vizinho ao Mube foi outro alvo de disputa, também por possuir frente para a rua Bucareste, estritamente residencial. Criado em 1970, o MIS não contava com sede própria até que o governo do Estado desapropriou o palacete pertencente à família Giaffone e iniciou uma grande reforma de ampliação. A obra quase foi embargada em diversas ocasiões até seu término, em 1975. Mesmo inaugurado, o MIS correu o risco de ser demolido em 1977, quando um juiz deu ganho de causa aos vizinhos.

A última grande disputa no Jardim Europa girou em torno da “Casa da Manchete”. Adolpho Bloch havia comprado a antiga casa de Horácio e Mimi Lafer no começo dos anos 1970, com o objetivo de promover festas e encontros culturais, e também para lá transferir a redação das revistas do grupo, em um prédio anexo que mandou construir nos fundos do terreno, com frente para a rua Espanha. Como isso era proibido, logo começou outra longa disputa, nunca

verdadeiramente resolvida, até que a casa foi vendida e retornou ao uso residencial, já nos anos 1990.

Os corredores comerciais, ao final, acabaram se tornando uma realidade inevitável, e apesar de todas as lutas a avenida Europa se transformou em um centro de concessionárias de automóveis de luxo. Por outro lado, em 1986, o empenho dos moradores trouxe o tombamento dos Jardins América, Europa, Paulista e Paulistano pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado (Condephaat), fato que garante a preservação da vegetação, do traçado das ruas e das linhas demarcatórias dos lotes. A legislação municipal também sofreu diversas alterações ao longo dos anos, tornando-se mais restritiva; apesar de ainda existirem irregularidades, conseguiu-se preservar boa parte das características originais dos Jardins, um dos bairros mais valorizados da cidade.

As medidas de preservação da região, muitas vezes vistas como elitistas e fúteis face aos enormes problemas da cidade, garantiram uma vasta área de densa vegetação que contribui favoravelmente para o clima, a drenagem e a qualidade do ar da metrópole. As instituições culturais que se instalaram nesse espaço, às quais a Fundação Ema Klabin veio se juntar em 2007, garantem o acesso de toda a população a esse privilégio, promovendo diversas ações artísticas e culturais que fortalecem o seu sentimento de cidadania.



aida Europa esquina da rua de Portugal

✂ Warshawski K. arq. 8.2.52. ✂

3.

ESTUDOS E ANTEPROJETOS

A arquitetura residencial da região dos Jardins sempre se caracterizou pela diversidade de estilos e propostas, como se o ecletismo do início do século nunca tivesse sido superado e, a cada década, novos estilos fossem acrescentados a um grande catálogo de possibilidades. Os amplos terrenos e recursos de seus proprietários sempre permitiram que cada um pudesse expressar sua individualidade e exercitar sua fantasia.

Apesar da historiografia da arquitetura paulistana quase sempre ignorar essa produção, como se o advento da arquitetura moderna tivesse eliminado por completo todos os estilos anteriores, ou até mesmo a ideia de estilo, sabe-se que isso não corresponde à realidade, pois na cidade, até hoje, constroem-se casas “neoclássicas”. Diversas vertentes do modernismo inicial também são largamente ignoradas, em prol da arquitetura moderna funcionalista que prevaleceu no segundo pós-guerra. Além disso, a assimilação dos ideais modernos se deu de maneira muito mais rápida na arquitetura comercial ou institucional do que na residencial, e vários arquitetos do período chegaram a projetar, ao mesmo

tempo, edifícios comerciais modernos e residências ecléticas.

As primeiras casas construídas na região foram projetadas pelos próprios arquitetos da Cia. City, que usaram como referência os bangalôs coloniais e casas suburbanas inglesas, bem como a arquitetura do movimento Arts and Crafts, que julgavam mais adequados ao conceito de bairro-jardim do que os palacetes ecléticos. O perfil dos novos proprietários, contudo, era diferente do esperado pela companhia e o bairro logo se tornou mais sofisticado, atraindo moradores que desejavam uma arquitetura que refletisse suas ambições.

Ainda nos anos 1920 surgiram as primeiras casas em estilo neocolonial, decorrentes da busca de uma identidade arquitetônica nacional. Na década seguinte, essa corrente se diversificou, abrangendo outras variantes regionais, como o estilo Missões, californiano e mexicano. Em seguida, em sentido oposto, surgiram novas construções com elementos da arquitetura vernacular medieval europeia, em estilo Tudor ou Normando, bem como outros estilos históricos europeus e norte-americanos, talvez em razão da grande presença de



20 - Estudos de fachada de Henrique Alexander, novembro de 1950.

estrangeiros e de residências consulares no bairro. A vanguarda da arquitetura moderna permaneceu sempre como exceção à regra, com raros exemplares construídos na ocupação inicial do bairro.

No Jardim Europa, onde a maioria das casas foi construída entre as décadas de 1940 e 1950, teve início um processo gradual de despojamento das fachadas, em casas que preservavam alguns elementos tradicionais, como telhas de barro e largos beirais, mas adotavam uma linguagem simplificada e geométrica, criando um novo padrão que acabaria se tornando comum na cidade. A distribuição dos ambientes continuava, entretanto, a seguir o modelo estabelecido desde o começo do século, com projetos de planta retangular e circulação central.

Outra vertente moderna, de postura mais conservadora, evitava uma ruptura radical ao adotar elementos clássicos na composição das fachadas, em construções que expressavam tradição e monumentalidade sem recorrer a elementos decorativos. Esse classicismo modernizado, que acabaria sendo identificado com os governos autoritários do período, como o Estado Novo, também marcou presença na cidade, principalmente pela atuação de arquitetos europeus, como Marcello Piacentini (1881-1960), Vittorio Morpurgo (1890-1966),

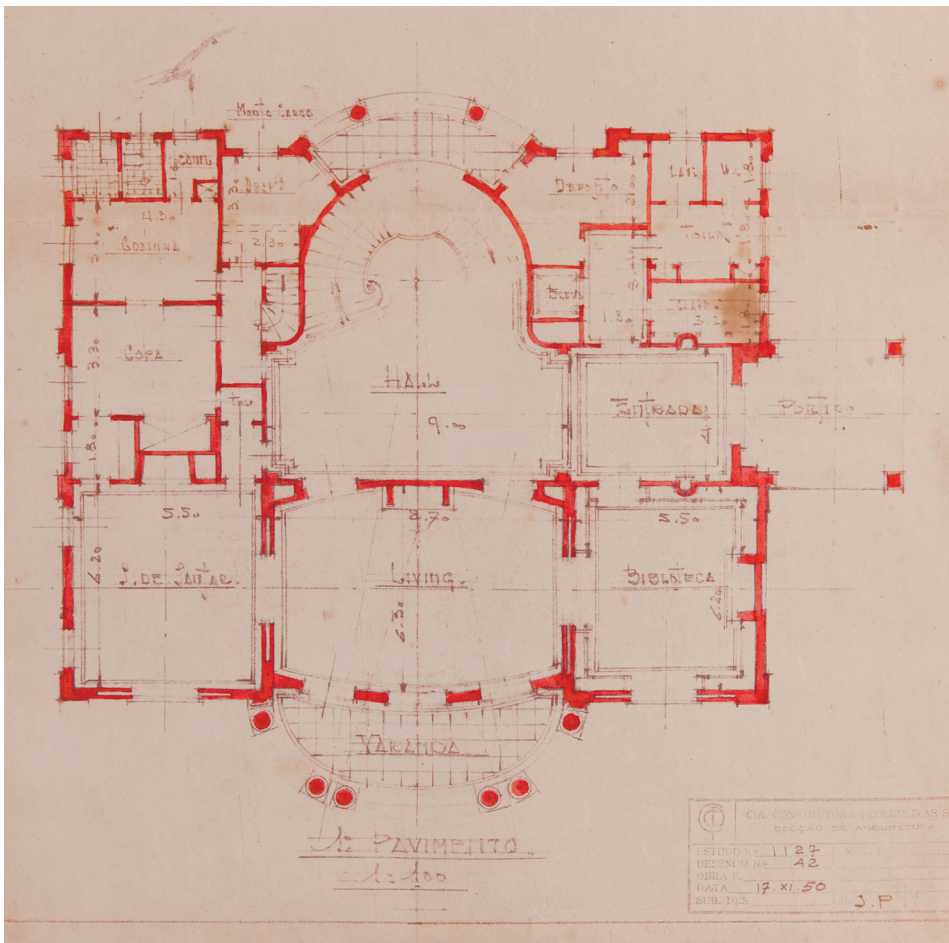
Auguste Perret (1874-1954) e Henri Sajous (1897-1975). Várias edificações importantes da cidade foram construídas nessa vertente, como o Edifício Matarazzo (1939, atual Prefeitura), o Estádio do Pacaembu (1940), a Biblioteca Mário de Andrade (1942), o Hipódromo do Jockey Clube (1941, modificado nos anos 1950), e o Museu de Arte Brasileira da Faap (projeto de 1947-49).

As casas da família de Ema Klabin construídas no bairro refletem essa diversidade. O primeiro a se mudar foi Horácio Lafer, que ao se casar, em 1937, encomendou ao arquiteto francês Jacques Pilon (1905-1962) uma grande casa em estilo renascentista francês, inspirada nos castelos do vale do Loire. Em seguida, por volta de 1940, foram construídas as casas de Jacob Klabin Lafer e Salomão Klabin, localizadas no mesmo quarteirão, ambas projetadas por Gregori Warchavchik (1896-1972). Bem distantes do pioneirismo do modernismo dos anos 1920, essas casas revelavam uma faceta mais pragmática e conciliatória do arquiteto, embora possuísem um desenho refinado e uma organização racional dos espaços.

Foi dentro desse panorama que Ema Klabin começou a imaginar sua nova casa, no final dos anos 1940. O terreno original, adquirido em 1937, foi dividido com sua irmã Eva, e



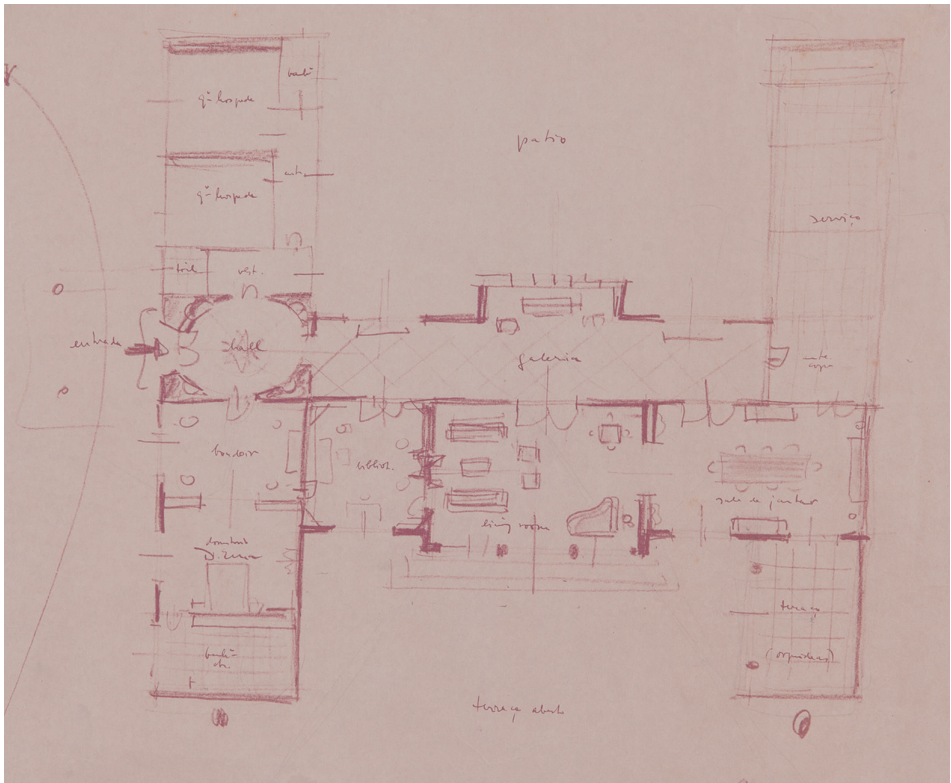
21 - Estudo n. 10 - fachada. Construtora Pederneiras, dezembro de 1950.



22 - Estudo n. 10 - planta do térreo. Construtora Pederneiras, novembro de 1950.



23 - Fachada em estilo neoclássico. Croquis de Augusto C. de Almeida Lima, fevereiro de 1952.



24 - Planta do térreo. Croquis de Augusto C. de Almeida Lima, fevereiro de 1952.



25 - Projeto de casa em estilo moderno de Augusto C. de Almeida Lima, 1952.

Ema escolheu ficar com a porção de frente para a avenida Europa, com área de 4.000 metros quadrados. Desde cedo, era evidente que ela desejava construir uma casa que se destacasse da vizinhança e expressasse sua personalidade. Como a casa também deveria abrigar a coleção de arte que Ema mal começara a reunir, e que mudaria seu perfil ao longo do tempo, foram necessários muitos projetos até que ela se decidisse.

O primeiro arquiteto a se envolver no projeto, entre janeiro de 1950 e fevereiro de 1951, foi Henrique Alexander (1911-1992). Formado pela Universidade de Stuttgart, Alexander propôs diversas versões de casas em estilo eclético, provavelmente atendendo a pedidos de Ema, de quem era amigo, já que sua própria residência, construída no bairro, no mesmo período, possuía um projeto moderno.

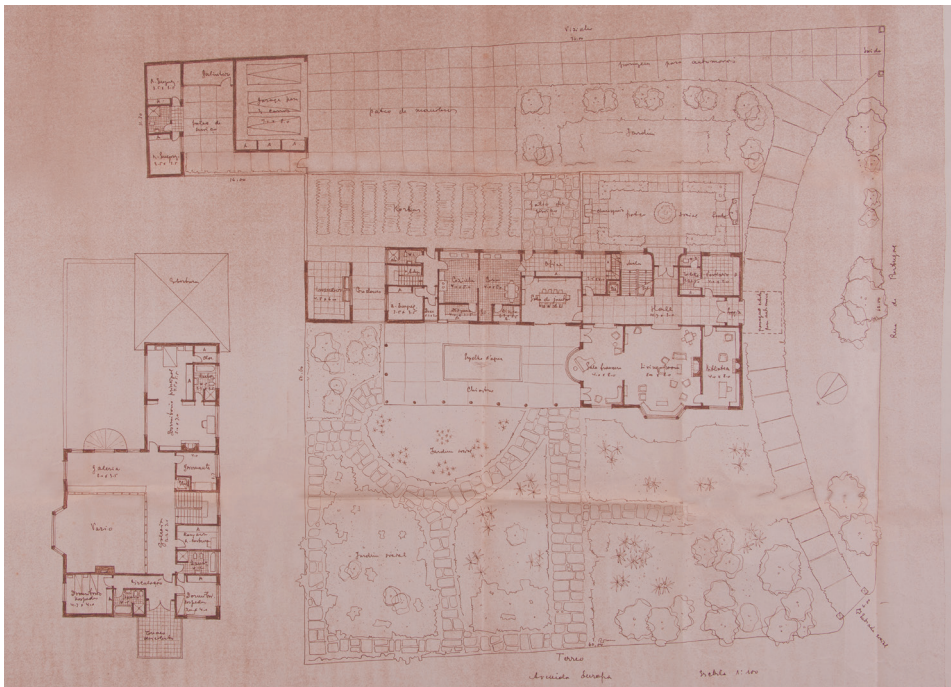
Simultaneamente, a Cia. Construtora Pederneiras, que atuava em grandes obras públicas e empreendimentos imobiliários em várias

idades do Brasil, apresentou uma série de estudos preliminares com o mesmo enfoque eclético, ora pendendo para um estilo Beaux-Arts francês do século XIX, ora para um estilo georgiano inglês. Não se sabe qual foi o arquiteto responsável por esses projetos – podem ter sido desenhados por Roberto Capello ou Jacques Pilon, que trabalharam para a construtora no período.

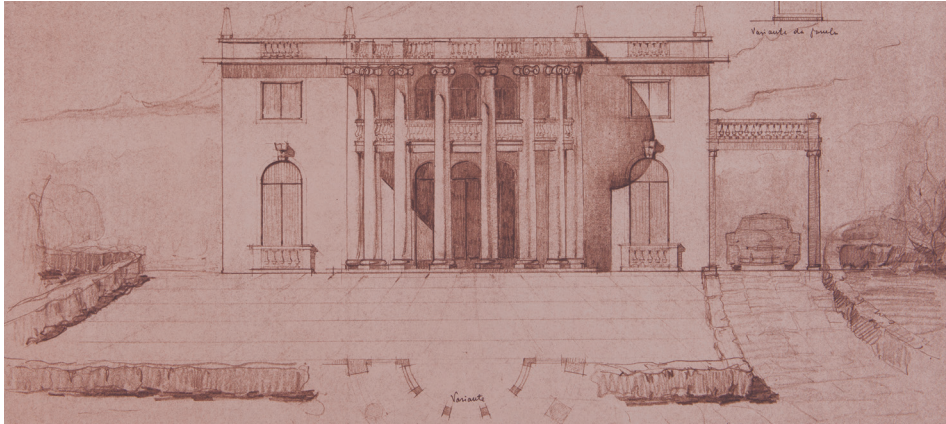
Ao todo, a Cia. Pederneiras apresentou 17 diferentes projetos, entre agosto de 1950 e março de 1951, que, somados aos estudos de Alexander, serviram para que Ema ao menos definisse o programa de sua nova casa, que permaneceria inalterado em todos os projetos posteriores. A ala social deveria ser bem ampla, contendo um grande salão de estar, sala de jantar, biblioteca e sala de música. A ala íntima incluiria um grande dormitório para ela, com seu *boudoir* ou quarto de vestir, *closet* e banheiro, além de mais dois quartos para hóspedes. O setor de serviços também deveria ser bem amplo para



26 - Fachada. Gregori Warchavchik, dezembro de 1951.



27 - Plantas do térreo e 1º andar. Gregori Warchavchik, outubro de 1951.



28 - Estudo de fachada com colunas jônicas. Gregori Warchavchik, dezembro de 1951.

atender às necessidades de seu estilo de vida, incluindo copa, cozinha, lavanderia, rouparia, despensa e adega, além de vários quartos para empregados. O pequeno recorte nos fundos do terreno seria destinado à garagem e a mais dormitórios, para motorista e jardineiro.

Apesar disso, Ema não parecia satisfeita com as soluções apresentadas, pois, em fevereiro de 1951, chamou o arquiteto Augusto C. de Almeida Lima (1917-1979), que apresentou cinco estudos diferentes para a casa, variando entre um desenho abertamente moderno e o clássico modernizado. Curiosamente, um dos croquis apresenta uma solução semelhante ao solar de Renata Crespi e Fábio Prado (atual Museu da Casa brasileira), projetada por Wladimir Alves de Souza, por sua vez inspirado no Palácio Imperial de Petrópolis.

Logo em seguida, Ema partiu para uma longa viagem pela Europa, onde chegou a consultar o decorador André Devèche, que elaborou alguns estudos de interiores. A incerteza permanecia e, ao retornar ao Brasil, ela recorreu a Gregori Warchavchik para uma nova série de estudos, realizados entre outubro

de 1951 e fevereiro de 1952. Atendendo aos desejos de sua prima, Warchavchik fez projetos completamente atípicos em sua carreira, com fachadas ornamentadas em estilo clássico. Mesmo não estando à vontade, conseguiu propor plantas mais fluidas e setorizadas, semelhantes aos outros projetos realizados para a família. Procurou também inserir a casa em seu entorno, desenhando um jardim com pátios fechados e abertos, contendo uma fonte e um espelho d'água.

Alguns desenhos que permaneceram em seu escritório revelam que Warchavchik chegou a pensar em propostas completamente modernas, porém não as finalizou nem as apresentou. Apesar de estarem mais próximos de seus anseios, os projetos de Warchavchik não deixaram Ema completamente satisfeita, provavelmente por ser perceptível uma incongruência entre as várias fachadas e a planta moderna. Após um longo intervalo, em que se dedicou a suas viagens e expandiu sua coleção, Ema retomou os projetos, contatando, em julho de 1954, o engenheiro-arquiteto Alfredo Ernesto Becker, que viria a ser o autor do projeto construído.



4.

O PROJETO FINAL

Alfredo Ernesto Becker (1894-1963) nasceu em Porto Alegre e foi criado na Alemanha, onde realizou seus primeiros estudos. Após se formar pela Escola Politécnica de Zurique, em 1922, retornou ao Brasil e, depois de um breve período no Rio de Janeiro, estabeleceu seu escritório em São Paulo, em 1924. Por quase toda sua carreira, dedicou-se ao projeto e à construção de dezenas de residências de luxo nos novos bairros do Jardim América, Jardim Europa e Pacaembu.

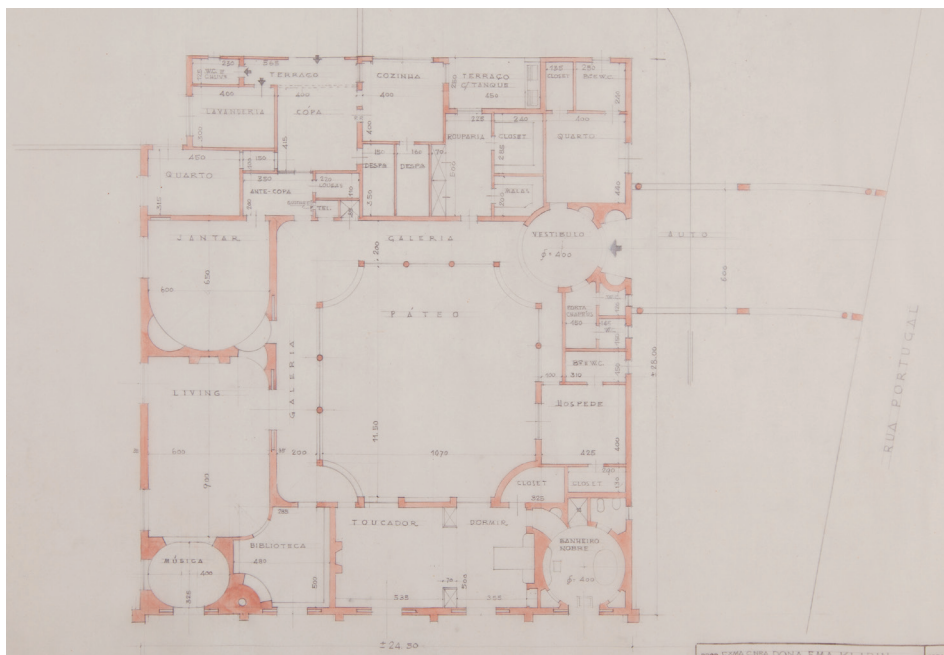
Como era membro do corpo editorial da revista *Acrópole*, teve muitos projetos publicados, o que nos permite perceber que realizava seus projetos de forma pragmática, atendendo aos desejos de sua clientela e seguindo os estilos então na moda. Cuidava também da construção das casas e era conhecido pelo cuidado no detalhamento e na execução de seus projetos, que acompanhava de perto até à finalização.

Em 1937, durante viagem à Europa, encantou-se com o clássico modernizado que viu na Exposição de Artes e Técnicas da Vida Moderna, em Paris, bem como no

estádio de Nuremberg, na Alemanha, e passou a adotar o estilo, que considerava “um ponto de partida para a sedimentação definitiva da arquitetura contemporânea”, em grandes casas que construiu na década seguinte, especialmente em torno da avenida Brasil. Foram justamente esses projetos que levaram Ema a conhecer seu trabalho e a contratá-lo, já que conseguiam unir o clássico ao moderno da forma que ela, naquela altura, desejava.

Os primeiros estudos que Becker realizou, no final de 1954, propunham uma casa de planta bem incomum, organizada em torno de um grande hall circular central, a partir do qual os ambientes se distribuíam em dois pavimentos. Chegaram a ser apresentadas cinco diferentes versões dessa solução, até que, em fevereiro de 1955, surgiu uma proposta completamente nova, na qual a casa tinha apenas um pavimento de planta quadrada, onde o *hall* foi substituído por um grande pátio aberto, circundado por uma galeria em forma de *loggia*. Curiosamente, não há nenhum desenho de fachadas ou elevações de todos esses estudos, indicando

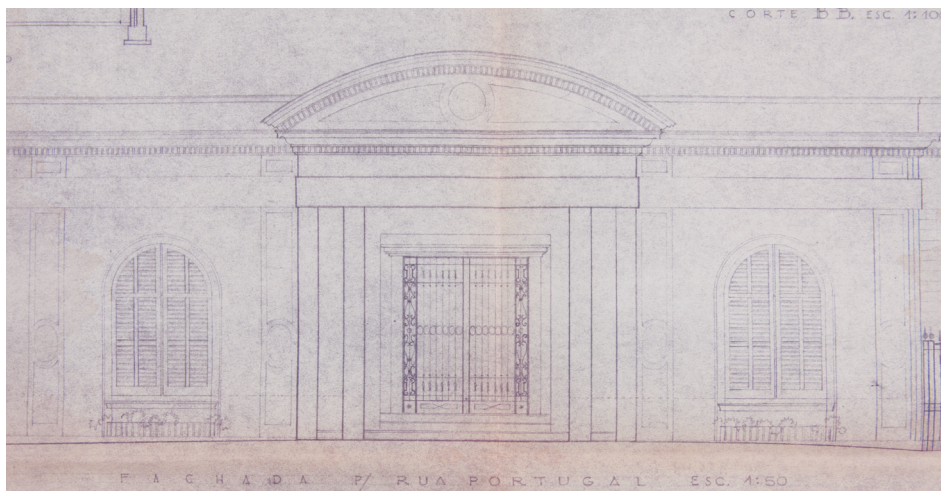
◀ 29 - Pátio externo e fachada lateral da casa, onde hoje se realizam os concertos da Fundação. Foto de 2007.



30 - Planta-baixa do segundo projeto de Alfredo Ernesto Becker, fevereiro de 1955.



31 - Ema e sua irmã Eva, entre amigos e primos, diante do Palácio da Sanssouci, em Potsdam, nas proximidades de Berlim, 1927.



32 - Primeira versão do pórtico da entrada principal. Alfredo Ernesto Becker, 1955.

que já havia um certo consenso sobre o estilo a ser adotado.

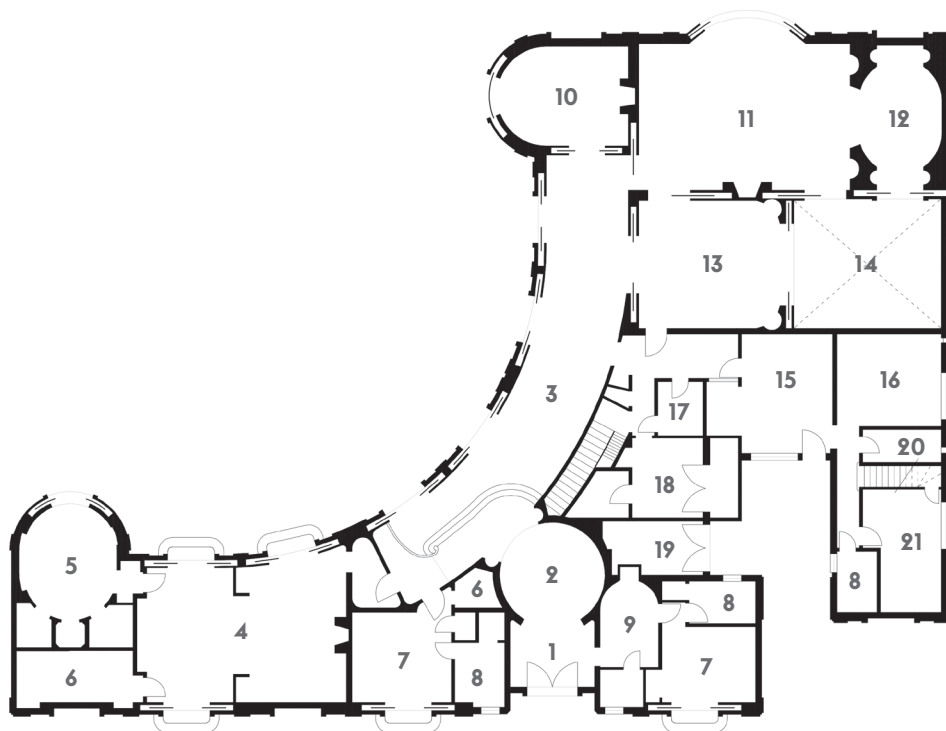
Não se tem como saber de quem partiu a ideia de usar o Palácio de Sanssouci como modelo para o projeto seguinte, apresentado em março de 1955. Tanto Ema quanto Becker passaram a juventude na Alemanha, quando tiveram oportunidade de visitá-lo, e ambos estudaram a arte e arquitetura alemãs do período. É possível até que tenha surgido de uma conversa entre ambos, pois em um dos últimos desenhos anteriores foram feitas anotações indicando volumes circulares nas extremidades da fachada principal, em solução que já remetia ao palácio.

Projetado por Georg Wenzeslaus von Knobelsdorff, entre 1745 e 1747, para o rei Frederico II da Prússia, o palácio é um dos mais famosos exemplares da arquitetura rococó alemã. Concebido como residência de veraneio destinada a grandes festas e recepções, era um modelo perfeito para Ema, que também desejava uma casa de uso

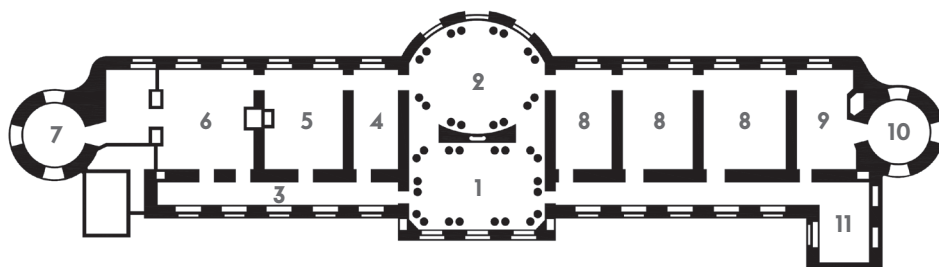
semelhante. Apesar de ser frequentemente comparado a Versailles ou ao Château de Marly, Sanssouci possui, ao mesmo tempo, uma escala monumental e dimensões reduzidas, com apenas dez aposentos principais.

Becker soube aproveitar o modelo com extrema habilidade, distribuindo toda a casa em torno de uma longa galeria semicircular, ligando, a partir do hall, os ambientes sociais aos íntimos, em solução também inspirada na planta de Sanssouci. A fachada voltada ao jardim repete fielmente as aberturas em arcos plenos, bem como a cobertura em rotunda sobre o *hall*.

Esse estudo evolui rapidamente para o anteprojeto, que conseguiu, finalmente, satisfazer todos os desejos de Ema. A casa proposta tinha ambientes amplos o suficiente para abrigar sua coleção, e o estilo das fachadas conseguia ser quase atemporal, ao aplicar materiais modernos e pouca ornamentação a um desenho clássico.

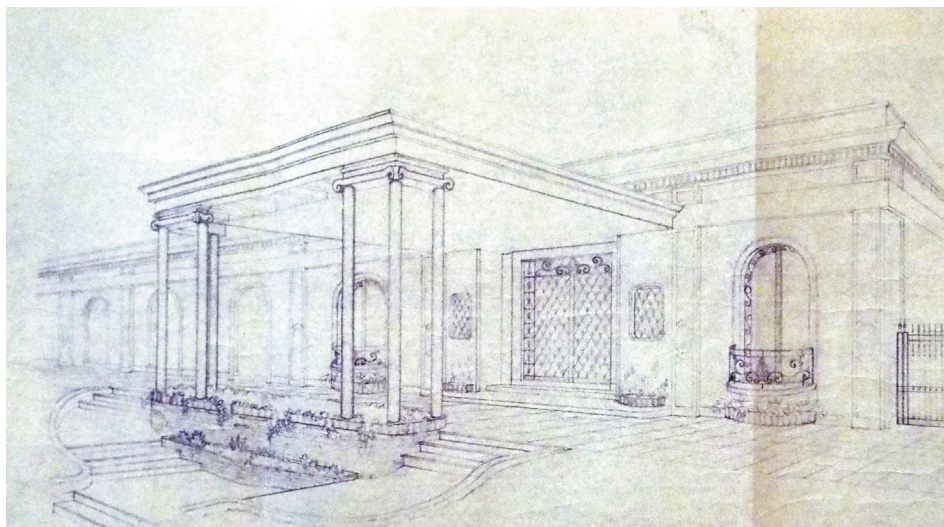


- | | |
|------------------------|---------------------------|
| 1 - Vestíbulo | 12 - Sala de música |
| 2 - Hall circular | 13 - Sala de jantar |
| 3 - Galeria | 14 - Pátio interno |
| 4 - Quarto Principal | 15 - Copa |
| 5 - Banheiro | 16 - Cozinha |
| 6 - Closet | 17 - Guarda-louças |
| 7 - Quarto de hóspedes | 18 - Rouparia |
| 8 - Banheiro | 19 - Lavanderia |
| 9 - Lavabo | 20 - Despensa |
| 10 - Biblioteca | 21 - Quarto de empregados |
| 11 - Salão | |



- 1 - Vestíbulo
- 2 - Hall de mármore
- 3 - Galeria de pinturas
- 4 - Sala de audiências
- 5 - Sala de música
- 6 - Quarto de Frederico II

- 7 - Biblioteca
- 8 - Quarto de hóspedes
- 9 - Quarto de Voltaire
- 10 - Quarto de Von Rothenburg
- 11 - Serviços



34 - Estudo de Alfredo Ernesto Becker para a entrada principal, 1955.



5.

A CONSTRUÇÃO

Em setembro de 1955, após cinco anos de estudos e projetos, Ema pôde iniciar a construção de sua casa, que ficou a cargo do empreiteiro Roberto Cappellano, atuando sob a supervisão de Becker. O projeto executivo continha poucas modificações, restritas à distribuição dos ambientes de serviço. Preocupada em ter mais paredes para expor sua coleção, Ema pediu também a eliminação de algumas janelas da biblioteca, salão e quarto principal, fato que acabou gerando alguns arcos cegos na fachada.

A casa foi construída sobre fundações diretas apoiadas em terreno firme, cujo desnível permitiu a construção de um grande porão quase sem escavação. A estrutura de concreto armado foi preenchida por alvenaria de tijolos maciços e as paredes externas são todas duplas, com cerca de 30 centímetros de espessura, em razão do uso de portas e janelas de correr. O telhado possui estrutura de madeira – proveniente das fazendas da Klabin no Paraná – recoberta com telhas francesas de barro e chapa de cobre, utilizada sobre a rotunda central e a cobertura de automóveis.

A fase inicial da construção progrediu rapidamente e a finalização da cobertura foi celebrada

com um churrasco, em setembro de 1956. Imediatamente começaram os trabalhos de instalações elétricas e hidráulicas, bastante complexos, já que no total a casa possui 287 pontos de luz e mais de 300 interruptores. Um ar-condicionado central chegou a ser projetado, mas ao final Ema optou apenas por um sistema de aquecimento sob o piso, alimentado por uma caldeira externa. Essa decisão levou à desistência de colocação de piso de madeira nas salas e nos quartos, por medo de que o material não suportasse a variação de temperatura, levando à adoção de carpetes importados, que então eram novidade.

O acabamento sofisticado da casa foi quase integralmente executado por imigrantes estrangeiros ou seus descendentes, fato que revela a sua importância na evolução da construção civil em São Paulo. A fachada do jardim foi revestida em pedra Itacolomi, em padrão comum da época, e as demais paredes externas receberam uma argamassa especial, requadrada de forma a dar a impressão de blocos maciços de pedra, efeito hoje imperceptível em razão de pinturas posteriores. O *hall*, a galeria e o banheiro principal receberam piso de mármore



36 - Ema e amigo diante do jardim recém-plantado, 1958.



37 - Ema e amigos no pátio interno, 1958.



38 - Orçamentos e notas fiscais de fornecedores e artesãos que participaram da obra.

travertino branco importado, repetindo soluções de assentamento de Sanssouci.

O banheiro do quarto de hóspedes e o lavabo receberam piso e azulejos especialmente produzidos pela Cerâmica Alabanda, de São Paulo, ao passo que os demais, bem como as áreas de serviço, foram revestidos com piso da Cerâmica São Caetano e azulejos da própria Klabin, que havia adquirido a Manufatura Nacional de Porcelanas, no Rio de Janeiro, em 1936. As paredes do banheiro principal

receberam atenção especial, com a aplicação de vitrolite branco. Material pouco comum no Brasil, o vitrolite é um tipo de vidro temperado pigmentado muito utilizado em ambientes Art Déco, mas que posteriormente caiu em desuso, pela dificuldade de sua aplicação, já que as placas não podem ser cortadas. Foi justamente essa dificuldade que acabou gerando imensos atrasos, o que levou a um grande desentendimento entre Ema e Becker no final da obra, que só foi totalmente encerrada em meados de 1959.



6.

DECORAÇÃO

A primeira experiência que Ema Klabin teve em decoração se deu no começo dos anos 1940, quando decidiu renovar seu próprio quarto ainda na casa de seu pai, seguindo os padrões das revistas de decoração francesas e americanas que colecionava. Criou então um ambiente bem mais leve e claro que o resto da casa, com mobiliário em madeira revestida com pergaminho branco e tecidos de seda em padronagem discreta. O resultado deve ter agradado a ela, pois o registrou em um álbum com o título de “meu ninho”, e depois reaproveitou o conjunto no segundo quarto de hóspedes de sua nova casa, preservando a penteadeira em seu próprio quarto.

Quando começou a planejar sua nova casa, entretanto, suas ambições eram bem mais sofisticadas. Em 1951, tendo em mãos os primeiros estudos, visitou a *Devèche Décorateur et Mobilier*, tradicional casa de decoração parisiense fundada em meados do século XIX. Na ocasião, André Devèche chegou a desenhar algumas propostas, tanto para a casa antiga quanto para a nova, e Ema acabou adquirindo um conjunto de painéis otomanos do século XVIII (hoje na sala de música) e

boiseries em estilo Luís XIV (adaptadas aos nichos do salão). A visita deu início a uma série de outras aquisições em Paris e Roma, que incluíram lareiras, espelhos, consoles e outras peças de mobiliário antigo. Era evidente que, ao menos naquele momento, Ema desejava criar ambientes sofisticados de época, reproduzindo os padrões adotados nas residências de luxo paulistanas desde a Belle Époque, e também tomando como referência os ambientes que frequentava na Europa, especialmente a decoração em estilo Luís XVI do Hotel Meurice, onde sempre se hospedava. Suas compras prosseguiram no mesmo tom nos anos seguintes. Em Nova York, comprou arandelas e lustres antigos em bronze e cristal, bem como peças decorativas de prata e relógios. De suas viagens ao redor do mundo, trouxe mesas, biombos e outras peças orientais, também destinados a compor a nova decoração.

Em 1955, com a definição do projeto final e o início da obra, sua atenção se voltou para os materiais de acabamento, com a compra de maçanetas, torneiras, papéis de parede e tecidos em seda bordada. Ao mesmo tempo, a evolução da obra demandava cada vez mais



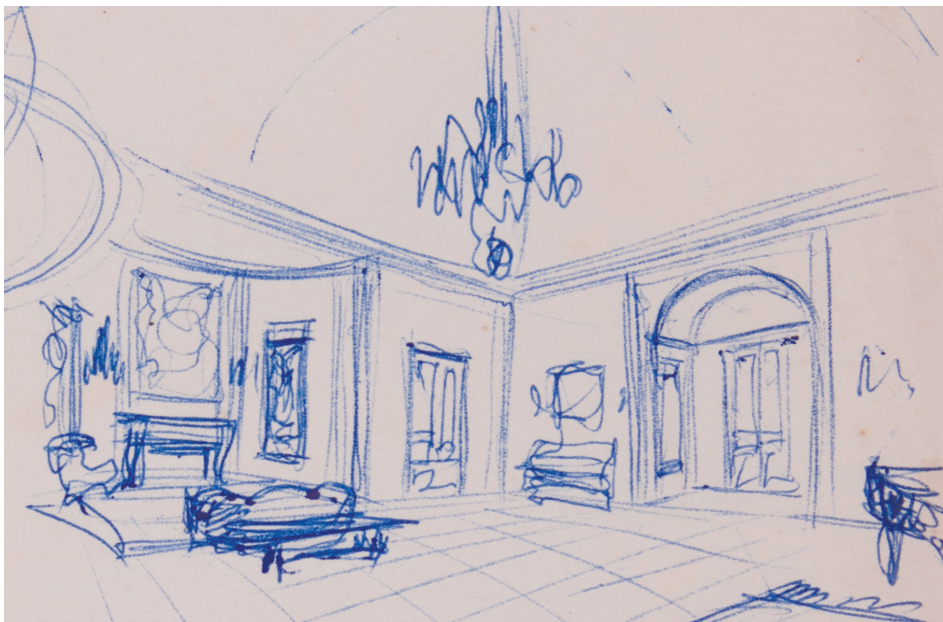
40 - Ema posa em seu quarto na casa dos pais. Foto do álbum “meu ninho”, década de 1940.

a tomada de decisões sobre inúmeros detalhes de acabamento, envolvendo a escolha de revestimentos, desenhos de portas, armários, esquadrias e ferragens.

Pelas decisões tomadas nessa fase, pode-se perceber que houve uma mudança significativa no estilo pretendido. Entre os inúmeros desenhos de detalhamento produzidos por Becker, prevaleceram sempre as soluções mais simples e neutras, com pouquíssima ornamentação. Havia, também, uma certa hesitação nas escolhas de Ema, fato que, somado a suas frequentes viagens, começou a gerar atrasos na obra, tornando clara a necessidade da contratação de um decorador.

Lottieri Lotterighi Della Stufa (1919-1982) era italiano de Florença, filho de marqueses de longa linhagem. Durante a Segunda Guerra Mundial, sua família teve suas propriedades

saqueadas e, após passar por muitas dificuldades no pós-guerra, decidiu emigrar para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 1953. Na então capital do país em plena efervescência, Terri – como passou a ser conhecido – logo se enturmou com outros jovens italianos ligados à embaixada e passou a frequentar a alta sociedade carioca. O grupo de amigos, que incluía Piero Ferraboschi, Giorgio Conti, Pepito di Sainguiliano e Harry Giglioli, era presença constante na noite e nas colunas sociais, sendo referidos como os “*Italian boys*”. Conhecido por seu bom gosto “europeu”, reforçado pelo título de marquês, Terri começou a palpitar nas casas dos amigos milionários e em pouco tempo já era famoso na cidade, decorando casas noturnas, como o restaurante Au Bon Gourmet, apartamentos de famosos, como o dos recém-casados Carmen e Tony Mayrink Veiga, e até criando ambientações para festas e recepções no Palácio do Itamaraty.



41 - Estudo de André Devèche para a decoração de salão de visitas, 1951.

O primeiro contato documentado que Ema teve com Della Stufa foi em agosto de 1957, quando adquiriu a mesa de jantar por ele desenhada, com acabamento em laca preta, material que se tornaria uma de suas marcas registradas. Ela provavelmente já conhecia outros trabalhos do decorador, e deve ter ficado bem impressionada, pois em dezembro do mesmo ano o contratou para planejar e executar a decoração de sua casa. Não era uma tarefa fácil, pois a essa altura muito já estava decidido, incluindo o desenho das estantes da biblioteca, o revestimento em palha natural da galeria e a instalação das três lareiras. Havia também, é claro, toda a coleção que estava sendo adquirida e que precisava ser incluída na decoração.

Além disso, Ema também havia se interessado pelo Barroco brasileiro desde as comemorações do IV Centenário de São Paulo,

em 1954, quando visitou as exposições organizadas no recém-inaugurado Parque Ibirapuera. Na ocasião, conheceu Stanislaw Herstal, um dos organizadores, que viria a ter um papel importante na finalização da decoração de sua casa. Herstal era um imigrante judeu polonês que, ao chegar ao Brasil em 1945, encantou-se pela riqueza de nossa arte barroca e se dedicou a seu estudo. Pouco depois, abriu uma loja de antiguidades em São Paulo, onde vendia peças de mobiliário e imaginária sacra. Ema se tornou sua cliente e ele passou a ajudá-la na restauração e instalação de sua coleção na nova casa.

O mito do bandeirante empreendedor e unificador do território nacional, que então se celebrava, era o resultado de um longo processo de resgate e assimilação de nosso passado pré-republicano, iniciado nos anos 1920 com o neocolonial e a Semana de Arte



42 - Estudo de André Devèche para a decoração de biblioteca, 1951.

Moderna. As residências da elite paulistana, que antes apenas copiavam modelos europeus, passaram gradativamente a ostentar móveis, louças, prataria e talhas luso-brasileiras do período colonial.

Nesse contexto, fica mais fácil compreender a decisão de Ema, influenciada por Herstal e Della Stufa, de incluir diversas peças provenientes da demolição da Igreja de São Pedro dos Clérigos na decoração. A ideia não era inédita, pois Ricardo Severo já havia adaptado talhas sacras na decoração de sua própria casa neocolonial, ainda nos anos 1920, e a solução também era comum nas antigas sedes de fazendas. Na verdade, as residências paulistas do período colonial possuíam interiores extremamente simples, e a única forma de incluir a riqueza e sofisticação de nosso Barroco na decoração era recorrer à arte sacra. A inclusão de peças barrocas em ambientes modernos acabaria

se tornando comum, como pode ser visto na decoração dos palácios de Brasília, nas residências brutalistas de concreto aparente dos anos 1960 e 1970 e até mesmo no Palácio dos Bandeirantes, que viria a ser decorado pelo próprio Della Stufa.

Com todos esses elementos contrastantes, a decoração final executada pelo decorador acabou tomando a própria diversidade como tema, reunindo peças requintadas com peças rústicas, do Ocidente e Oriente, unificando os ambientes pelo uso discriminado de cores em cortinas, tapetes e tecidos luxuosos empregados nos estofados. A grande habilidade de Della Stufa foi usar seu próprio repertório de ambientes europeus antigos para dar à nova casa de Ema ares de uma residência senhorial antiga, onde as acumulações de muitas gerações se sobrepõem sem conflito, e cada peça tem uma história a ser revelada.



43 - Desenho para o pátio interno, atribuído a Terri della Stufa.

Nos ambientes sociais da casa, Della Stufa teve mais liberdade para criar, transformando tocheiros em mesinhas, vasos em abajures e fragmentos de talhas em arandelas, além de desenhar todos os sofás e orientar as aquisições da colecionadora na finalização da decoração. Em outras áreas, como o dormitório principal ou a biblioteca, apenas executou os desejos de Ema, reproduzindo decorações do próprio palácio de Sanssouci ou do Museu Nissim de Camondo, respectivamente. Esse foi seu primeiro grande projeto em São Paulo, cidade para onde logo se transferiu, iniciando uma carreira de sucesso e tornando-se uma referência de bom gosto. Nos anos seguintes, diversificou suas atividades, criando coleções de tecidos e móveis e chegando até a ceder seu nome para uma série de lançamentos imobiliários, antes de falecer, prematuramente, em 1983.

A decoração da casa só foi totalmente finalizada no final dos anos 1960, quando Ema

adquiriu as últimas peças relevantes de mobiliário e finalizou a decoração do quarto de hóspedes. Ao longo dos anos, poucas foram as modificações, em geral restritas à substituição de tecidos e revestimentos desgastados pelo tempo. A ampliação da coleção, é claro, trouxe muitas mudanças na disposição de quadros e objetos, que foram se somando pelos ambientes, criando uma atmosfera única. No final de sua vida, Ema Klabin trouxe ainda obras do Modernismo brasileiro que ornamentavam sua casa de Campos do Jordão, colocando-as em seu próprio dormitório, pois desejava que permanecessem na coleção da Fundação.



7.

PAISAGISMO

Quando Ema Klabin contratou Roberto Burle Marx (1909-1994) para projetar os jardins de sua nova residência, em 1956, ele já era um paisagista e artista consagrado, de fama internacional. Já havia participado da 25ª Bienal de Veneza, em 1950, e da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951. Na exposição de arquitetura da 2ª Bienal, em 1953, havia recebido prêmio por seu projeto paisagístico para a residência de Odette Monteiro, e seu trabalho era aclamado pela crítica internacional em diversas publicações e exposições.

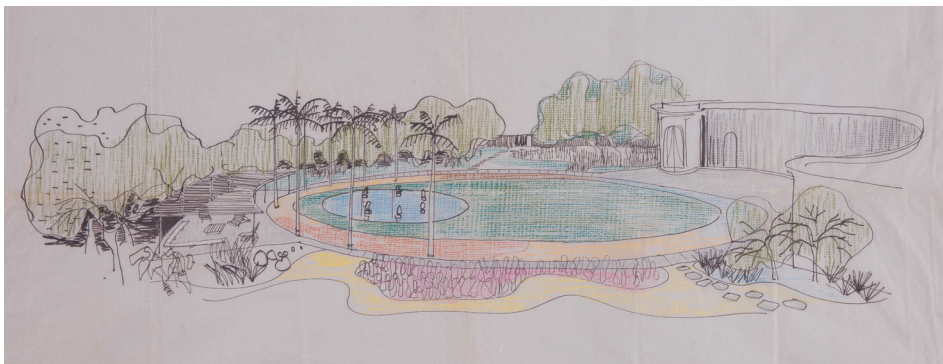
Formado em pintura e arquitetura, Burle Marx iniciou sua carreira de paisagista em 1933, quando foi convidado por Lucio Costa para projetar os jardins da residência de Alfredo Schwartz, em Copacabana. Em seguida, após projetar jardins públicos em Recife – onde iniciou seu interesse pela flora brasileira –, Burle Marx participou de um projeto que se tornaria icônico no Modernismo brasileiro: o Ministério da Educação e Saúde (1938), no Rio de Janeiro.

Os terraços ajardinados propostos para o edifício, projetado por Lucio Costa, Niemeyer e outros sob a influência de Le Corbusier,

buscavam transpor a linguagem da pintura ao paisagismo, contrapondo formas orgânicas abstratas à rígida geometria da arquitetura. Estava lançada a base criativa de Burle Marx, que conseguia conciliar tensões intrínsecas do Modernismo brasileiro ao aliar o uso de uma linguagem universalizante com a busca de uma identidade nacional expressa na utilização de plantas nativas.

Em seguida, Burle Marx realizou projetos no Rio de Janeiro, Recife e João Pessoa, até ser convidado por Juscelino Kubitschek para elaborar os jardins do conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, dialogando com a arquitetura inovadora de Oscar Niemeyer. Ao mesmo tempo, empreendeu excursões em regiões remotas do país para a coleta de novas espécies de plantas, que passaria a cultivar e reproduzir em seu sítio em Guaratiba, no Rio de Janeiro, adquirido em 1949.

No final da década de 1940, desenvolveu diversos projetos residenciais em Petrópolis (RJ), em Caracas, na Venezuela, e na Califórnia, nos Estados Unidos. Nesses jardins, teve a oportunidade de refinar sua linguagem,



45 - Perspectiva da primeira proposta de Burle Marx para o jardim, julho de 1956.

estabelecendo um novo paradigma para jardins residenciais tropicais. De um lado, abandonava completamente a formalidade simétrica dos parterres dos jardins de tradição francesa ou italiana, preservando, contudo, seus canteiros de contornos bem delineados, agora adotando formas orgânicas. De outro, recusava o naturalismo artificial dos jardins de tradição inglesa, mas seguia seus preceitos relativos à composição de cores e volumes bem escalonados. Acima de tudo, buscava conhecer a fundo o microclima e a flora locais, criando jardins que mimetizavam a paisagem do entorno ou dialogavam com ela, orientando a vista do espectador.

No início dos anos 1950, graças a sua crescente consagração, passou a ser convidado a criar jardins para grandes residências da elite carioca, como as casas do banqueiro Walter Moreira Salles (1951, hoje Instituto Moreira Salles) e de Raymundo Ottoni de Castro Maya (1954, hoje Museu da Chácara do Céu). No mesmo período, foi convidado a realizar seus primeiros projetos em São Paulo. O primeiro foi para o Parque Ibirapuera, em 1953, que infelizmente não passou da fase de anteprojetado. O segundo foi para a residência de Francisco “Baby” Pignatari, projetada por

Oscar Niemeyer, cuja construção foi logo interrompida e os jardins apenas parcialmente executados, sendo transformados, em 1995, no Parque Burle Marx.

Nos projetos desse período, que ainda incluem o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e a residência de Edmundo Cavanellas, em Petrópolis, começa a se delinear uma mudança na linguagem de Burle Marx, com a incorporação de formas geométricas e ortogonais em traçados mais rígidos, que se tornariam característicos de seu trabalho posterior, como o Aterro do Flamengo ou o calçadão de Copacabana. Seus projetos começam a incluir também elementos arquitetônicos, deixando de ser apenas uma mera transição entre a edificação e seu entorno.

Foi exatamente nesse momento que Ema Klabin o convidou a projetar o jardim de sua residência, que àquela altura, depois de um ano de obras, já se encontrava na fase de cobertura. O terreno havia sido inteiramente terraplenado em sua cota mais elevada, não restando nenhuma vegetação original que pudesse ser aproveitada. A construção em si era também um desafio para Burle Marx,

mais acostumado a dialogar com a arquitetura moderna. Ele logo compreendeu que, em um bairro de estilos tão díspares, a casa e seu jardim deveriam ser um conjunto autônomo, girando em torno de si mesmo.

A primeira proposta, apresentada em julho de 1956, traduz essa percepção, pois nela o jardim principal se organiza em torno de um gramado em círculo perfeito, que reflete a curvatura da face norte da casa. Ao fundo, deslocado de seu centro, encontra-se um lago também circular, cercado por altas palmeiras, no qual seriam colocadas as cinco esculturas de anjos representando os sentidos. No lado externo do caminho que fecha o gramado ficariam os canteiros de flores e herbáceas coloridas, com árvores fechando o conjunto.

Em Klabin não deve ter ficado muito satisfeita com a rigidez do esquema, pois a proposta seguinte, de outubro de 1956, apresenta um desenho bem mais orgânico, com caminhos e canteiros sinuosos no estilo utilizado por Burle Marx em projetos da década anterior. Deve-se notar, entretanto, que o desenho para pátio interno, em quadriculado rígido, revela a mudança de seu repertório formal, presente em seus outros projetos do período. O último desenho pertencente ao arquivo da Fundação é datado de dezembro de 1956, tratando-se apenas de uma perspectiva da proposta anterior. Do projeto final, executado ao longo de 1957, não se tem registro.

A pesquisa desenvolvida por nossa equipe, que abrangeu a prospecção do jardim e entrevistas



46 - Planta da segunda proposta de Burle Marx, outubro de 1956.



47 - Perspectiva da segunda proposta de Burle Marx, dezembro de 1956.

com empregados e familiares, conseguiu estabelecer grande parte do que teria sido o jardim no final da obra. A principal mudança, em relação aos desenhos, foi o deslocamento do lago para a lateral da casa, separando o pátio externo, criado diante da porta do salão principal, do gramado diante da fachada principal. Agora em formato sinuoso, seu desenho se desenvolve em torno de um jasmim-manga escultural; a seu lado, um conjunto de palmeiras (washingtônias, seafortias, jerivás, cicas e ráfis) criam um imponente elemento vertical. No fundo do jardim, magnólias brancas, ipês amarelos, quaresmeiras, manacás e sibipirunas isolam todo o conjunto do movimento da avenida Europa.

No pátio externo foi plantada uma grande figueira e, ao lado, foi construída a estufa de plantas e orquidário. Nos canteiros junto à casa, dracenas emolduram a porta do salão e estrelízias decoram a fachada da galeria. Em todo o jardim, diversas herbáceas cobrem os

canteiros de sol e meia-sombra, incluindo antúrios, calateias, marantas, helicônias, alpínias e clívias.

Esse conjunto corresponde ao que se julga pertencer ao projeto original. Não se sabe se houve algum desentendimento entre Ema e Burle Marx durante a execução do jardim, ou se ele, então envolvido com grandes projetos no Rio de Janeiro e no exterior, não dispunha de tempo para se dedicar a sua finalização. A partir dos arquivos da Fundação e também por suas características, pode-se afirmar que tanto o jardim da fachada da rua Portugal quanto o pátio interno foram definidos pela própria Ema, com a colaboração do arquiteto e do decorador.

O desenho final do pátio interno foi feito pelo próprio Becker, aproveitando a bela fonte de mármore do século XVIII que Ema adquiriu em 1958, influenciada por propostas desenhadas por Terri Della Stufa. Os ciprestes

italianos, tuias, pinheiros de Norfolk e pinheiros Kaisuka plantados na fachada da rua Portugal também devem ter sido sugestão do decorador, acostumado com esse tipo de composição, comum nos jardins das casas senhoriais de sua terra natal. Foi de Ema, também, a decisão de criar um pequeno jardim de pedras, cactos e suculentas junto ao portão de carros, provavelmente baseado em algum modelo visto em suas viagens.

Como todo organismo vivo, o jardim sofreu muitas transformações ao longo dos anos. Ema Klabin, apaixonada por plantas a ponto de pedir aos empregados que fotografassem as florações durante sua ausência, nunca permitiu a poda de árvores. Com o tempo, o jardim foi ficando cada vez mais sombreado, prejudicando diversas espécies, que acabaram minguando. O jardim foi sendo dominado por folhagens diversas, e os únicos espaços para o cultivo de espécies de sol se restringiam à borda do lago e às jardineiras dos balcões dos quartos, onde eram plantadas flores anuais.

A maior paixão de Ema, entretanto, sempre foram as orquídeas, das quais era colecionadora. Chegou a formar um conjunto de mais de 500 vasos, todos numerados, incluindo híbridos trazidos de suas viagens ao redor do mundo. Possuía cadernos de registro das florações de cada vaso e chegou a receber prêmios em exposições das associações de orquidófilos de que fazia parte. Quando possível, utilizava flores de seu próprio jardim para decorar o interior da casa, e também para a criação de arranjos para seus famosos jantares.

Pouco antes de sua abertura ao público em 2007, a Fundação promoveu uma revitalização do jardim, compreendendo limpeza generalizada e replantio dos canteiros, procurando ao mesmo tempo resgatar o espírito do desenho inicial de Burle Marx e respeitar as modificações introduzidas por Ema ao longo dos anos, registradas em suas fotografias.

BIBLIOGRAFIA

- ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo : 1947 – 1975*. São Paulo: Romano Guerra, 2011.
- AQUINO, Paulo Mauro Mayer de (Org). *Gregori Warchavchik - Acervo Fotográfico - vol. I e II*. São Paulo: edição Família Warchavchik, 2005 e 2007.
- BARBOSA, Eunice. *Evolução do uso do solo residencial na área central no Município de São Paulo*. São Paulo, 2001. Dissertação de mestrado. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- BARBOSA, Maria Ignez. *Histórias de Estilo e Décor*. São Paulo: Metalivros, 2011.
- BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006.
- BARTALINI, Vladimir. *A herança de uma modernidade*. Resenhas Online, São Paulo, ano 09, n. 097.01, Vitruvius, jan. 2010.
- BLAY, Eva Alterman. *O Brasil como destino: Raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2013.
- CAMPOS, Candido Malta. *Do classicismo moderno à tradição inventada: O palácio paulista*. Trabalho apresentado no 8º Seminário DOCOMOMO Brasil. Rio de Janeiro, 2009.
- CAVALCANTI, Lauro. *Arquitetura moderna carioca (1937-1969)*. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Fadel, 2013.
- _____, EL-DAHDAH, Farès (Org.) *Roberto Burle Marx: a Permanência do Instável, 100 anos*. Rio de Janeiro, Rocco, 2009.
- CORREIA, Telma de Barros. *Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940*. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v.16, n.2, p.47-104, São Paulo, 2008.
- DANON, Diana Dorothea. *São Paulo: “Belle Époque”*. São Paulo : Cia. Editora Nacional : Edusp, 1974.
- DEDECCA, Paula Goreinstein. *Sociabilidade, Crítica e Posição - O meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate moderno em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo, 2012. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- DIAS, Maria Matilde Kronka. *Sobrados e Barões da Velha São Paulo*. São Paulo: Manole, 2006.
- DOURADO, Guilherme Onofre Mazza. *Modernidade Verde Jardins de Burle Marx*. São Paulo: Senac: EDUSP, 2009.
- ELIOVSON, Sima. *The gardens of Roberto Burle Marx*. Nova Iorque: H. N. Abrams: Sagapress, 1991.
- FELDMAN, Sarah. *Planejamento e zoneamento: São Paulo 1947-1972*. São Paulo: Edusp, 2005.
- FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: Ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo : Edusp, 2005.
- FRANCO, Tiago Seneme. *A trajetória de Jacques Pilon no Centro de São Paulo*. Análise das obras de 1940 a 1947. São Paulo, 2009. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- GRAZIOSI, João Carlos. *A trajetória profissional do Engenheiro Arquiteto Alexandre Albuquerque, 1905 – 1940*. São Paulo, 2001. Tese de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

- HERBST, Helio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura moderna brasileira exposta nas bienais paulistanas (1951-1959)*. São Paulo, 2007. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- HOMEM, Maria Cecília Naclércio. *O Palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867 - 1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Nobel, 1989.
- _____. *Renata e Fábio Prado: a casa e a cidade*. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2006.
- _____. *Transformações urbanas: São Paulo: 1893-1940*. São Paulo: Fundação Energia e Saneamento, 2013.
- LIRA, José. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MANDELBAUM, Howard; MYERS, Eric. *ScreenDeco : A Celebration of High Style in Hollywood*. Santa Monica: Hennessey&Ingalls, 2000.
- O MUSEU da Casa Brasileira*. São Paulo: Banco Safra, 2002.
- PAULA, Zueleide Casagrande. *Jardim América: de projeto urbano a monumento patrimonial (1915 a 1986)*. Assis, 2005. Tese de doutorado. Faculdade de História da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.
- PONCIANO, Levino. *Bairros paulistanos de A a Z*. São Paulo: Senac, 2001.
- ROITER, Márcio. *Rio de Janeiro Art Déco*. Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2011.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fapesp: Studio Nobel, 2007.
- ROSA, Sílvia Costa. *1001 ruas de São Paulo*. São Paulo: Panda, 2003.
- SÃO Paulo 450 anos. *Cadernos de Fotografia Brasileira*, n. 2. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 2010.
- _____. *Prélúdio da Metrópole. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- SESSO JR., Geraldo. *Retalhos da velha São Paulo*. São Paulo: Oesp, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho e. *A contribuição dos arquitetos estrangeiros no Processo de metropolização da cidade de São Paulo entre os anos 1930 e 1960: o caso de Jacques Émile Pilon e Adolf Franz Heep*. Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 10, n. 2 (2008).
- _____. *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jaques Pilon em perspectiva (1930-1960)*. São Paulo, 2010. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Burle Marx*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *Álbum iconográfico da avenida Paulista*. São Paulo: Ex-Libris, 1987.
- _____. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.
- _____. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Cosac & Naify: Duas Cidades, 2004.
- WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. *Jardim América: O primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua Arquitetura*. São Paulo: Edusp / Fapesp / Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. *O Moderno como opção estilística: A gradual assimilação das linguagens despojadas de ornamentos na arquitetura residencial do bairro Jardim América em São Paulo nas décadas de 20 a 40.* Trabalho apresentado no 3º Seminário DOCOMOMO Brasil. São Paulo, 2009.

Arquivos consultados:

Arquivo Histórico Municipal – PMSP / BASE Aerofotogrametria e Projetos S.A. / Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP / Biblioteca Mario de Andrade – Hemeroteca e Coleção de Arte / Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira / Centro de Memória Klabin / Coleção Gregori Warchavchik / Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo / Construtora Cappellano Ltda. / Construtora Henrique Alexander / Instituto Moreira Salles / Itaú Cultural Banco de Imagem – CMDR / Jornal Folha de S. Paulo / Jornal O Estado de S. Paulo / Museu da Cidade de São Paulo – Casa da Imagem / Museu da Imagem e do Som – CEMIS Centro de Memória e Informação / Acervo Fundação Energia e Saneamento / Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional, Coordenadoria de Planejamento e Avaliação, Instituto Geográfico e Cartográfico / Sociedade Hípica Paulista.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Fundação Ema Klabin: 1(foto de Isabella Matheus), 3, 4, 5, 6, 7, 8, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29 (foto de Isabella Matheus), 30, 31, 32, 33 (arte de Stephanny Nisidozi), 34, 35, 36, 37, 38, 39 (foto de Romulo Fialdini), 40, 41, 42, 43, 44 (foto de Isabella Matheus), 45, 46, 47 e capa.

Acervo Fundação Energia e Saneamento: 11, 13 e 14.

Centro de Memória Klabin: 17.

Arquivo Histórico Municipal de São Paulo: 2.

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional, Coordenadoria de Planejamento e Avaliação, Instituto Geográfico e Cartográfico: 9.

Arquivo Jornal O Estado de S. Paulo: 10, 12, 15, 16 e 18.

BASE Aerofotogrametria e Projetos S.A.: Capa.

FUNDAÇÃO EMA KLABIN

DIRETOR - PRESIDENTE

Celso Lafer

CONSELHEIROS

Alcides Jorge Costa

Antonio Cândido de Mello e Souza

Fábio Nusdeo

Israel Klabin

Luiz Olavo Baptista

Pedro Franco Piva

Roberto Faldini

Rubens Monteoliva Peinado

Tércio Sampaio Ferraz Junior

ADMINISTRAÇÃO

Ana Maria Odelius

Táina Luz

ACERVO E PESQUISA

Daniele Paro

Dayane Teixeira

NÚCLEO EDUCATIVO

Fabiana Vanz

Felipe Azevêdo

Leandro Muniz

Paloma Durante

Rafaela Priolli

CURSOS E PALESTRAS

Ana Cristina Moutela Costa

ARTES VISUAIS

René Foch

MÚSICA

Abimbola Xavier

Thiago Guarnieri

DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA

Henrique Godinho

Mariana Teixeira

RECEPÇÃO

Keli Santana

SERVIÇO DE APOIO

José Carlos Lima

Nelson Medrado

Vanuzia Marques

